

Sumário

Lé com cré - 21/12/2018.....	2
Genealogia e Arqueologia [i] - 20/12/2018.....	3
O deus brasileiro é fake - 29/10/2018.....	5
Que é escrever?* - 14/10/2018.....	6
Intersecção - 22/09/2018.....	7
bichinho perdido - 12/09/2018.....	8
Respirar e seguir - 05/09/2018.....	9
Uma simples equação - 15/08/2018.....	10
Nosso Neymar - 06/07/2018.....	11
Idealista - 08/06/2018.....	12
Compatibilizando os qualias com o fisicalismo* - 06/06/2018.....	13
Ciência de Dados - 05/06/2018.....	15
Paradigmas do século XXI[i] - 27/05/2018.....	17
Aparato Terra Dois* - 30/04/2018.....	19
Proliferação plural progressista - 20/04/2018.....	20
Os qualia: Fechamento Cognitivo* - 24/03/2018.....	21
Os qualia* - 20/03/2018.....	23
Introdução ao epifenomenalismo - 09/03/2018.....	26
Não estamos no comando - 02/03/2018.....	27
A deliberação humana* - 24/02/2018.....	30
Corpos dóceis e rentáveis* - 08/02/2018.....	31
Terra Brasilis - a vida como ela é - 30/01/2018.....	34
Uma história de exclusão na filosofia* - 21/01/2018.....	35
Que se entende por consciência* - 11/01/2018.....	37
Da definição de liberdade no Livre-arbítrio* - 06/01/2018.....	38
The Cloud - 19/12/2018.....	41
Uniqueness of consciousness[i] - 26/09/2018.....	41
are you conscious?* - 05/09/2018.....	43
Thinking, fast and slow[i] - 28/05/2018.....	44
Technology to study the brain[i] - 30/04/2018.....	45

Does the submarine swim?* - 20/03/2018.....	46
Unconscious Cerebellum[i] - 17/03/2018.....	47
Few words about Stoicism* - 24/02/2018.....	49
Stoicism or Epicureanism - In which side are you* - 21/02/2018.....	50

Lé com cré - 21/12/2018

Gostaríamos de falar um pouco sobre os momentos da vida e como eles nos tocam e influenciam como, por exemplo, as datas comemorativas, festivas ou marcantes, já que estamos no período das festas... Obviamente, tais acontecimentos nos mobilizam e sensibilizam. Muitas vezes temos que nos planejar com antecedência e nos preparar para viajar, encontrar parentes e amigos, etc. Esse é um dado de realidade que nos permeia desde os primeiros anos de vida e assim somos constituídos.

Importantes ou não, chatos ou legais, eles são inevitáveis e extremamente relevantes, quer participemos ou não, afinal há uma possibilidade de fuga e ela não é descartável. Porém, durante tais períodos, ainda há rotina, mesmo que tutelada pelo evento principal. Há o dia e a noite, a segunda-feira, terça-feira, etc., o fim de semana. Há o dia a dia, o início e o fim do mês, etc. Há ciclos: horários, diários, semanais. E o que sobressalta nessa rotina é o repentino, já que dentro do previsto há o imprevisível que nos traz a novidade que deve ser administrada.

Então, por mais que haja rotina, há situações inusitadas e, na repetição, há a diferença. Um hábito, independentemente de sua frequência, é um hábito onde se pretende retomar uma experiência passada que nele é projetada. Um hábito é um fazer reiterado onde cada reiteração não é a mesma. De certa forma, uma rotina é sempre a garantia de que haverá a repetição, independentemente de quão diferente seja ou não, ou até que atinja certo limite, etc.

Se de dia falo lé e de noite falo cré, lé com cré são linguagens suplementares. Mas tanto lé influencia cré como cré influencia lé. Afinal somos um, embora nem sempre o mesmo. É dessa interação e dessa interminável e dinâmica sucessão que vamos construindo os momentos de nossa vida, ainda mais em período de festas, pois as variáveis se multiplicam. Embora anestesiados pela multiplicidade de tais situações sempre nos haveremos com nossos lé e

nossos crés. E se não falo lé com cré é porque eu num qué.

Genealogia e Arqueologia [i] - 20/12/2018

“Portanto, os dois pontos propostos para essa discussão sobre o estatuto da diferença e da síntese correspondem ao _pressuposto genealógico da diferença_, identificado por meio de uma analítica, e ao _universo metodológico da arqueologia_, que transpõe a síntese para a esfera discursiva de uma “gramática casual” (p. 256, grifo nosso).

Começamos do fim, a partir da citação acima, porque queremos fazer um pequeno recorte desse breve, porém denso, ensaio. Há um procedimento em Foucault, inicial, de olhar a história analiticamente, como sucessão temporal de fatos e eventos, chamado de genealogia[ii]. Segundo Monica, esse procedimento assemelha-se à _associação_ de Hume, através da qual a experiência é a base do entendimento humano na medida em que há uma série de eventos que vão se correlacionando e formando uma experiência complexa. Abstratamente, mas temporalmente, uma maçã é a soma da cor, sabor, cheiro, forma, etc.

Isso posto, entretanto, não há em Hume um sujeito unificador dessa experiência. A associação começa pela experiência do sujeito (analítica) capaz de distinguir ideias partindo em direção a uma síntese dessa experiência, porém não arbitrária ou necessária, mas que é realizada pela mente de forma imediata e, mais do que isso, temporal e que tende a regular as próximas experiências.

Porém, voltando à citação inicial e a Foucault, Monica argumenta que, depois que Foucault “difere” pequenos eventos históricos (assim como a mente, em Hume, difere as ideias na imaginação), em certo momento um grande período histórico se sintetiza no método arqueológico[iii]. Essa união, claramente, deixa de ser um processo analítico para buscar uma episteme de época que, segundo Monica, se baseia em um “a priori” de possibilidade no sentido kantiano comprometendo a diferença da genealogia. Foucault está entre a possibilidade de uma história contingente[iv] e sua tendência a um possível irracionalismo e lança mão do expediente kantiano para vislumbrar uma história

possível em contraparte à história concreta da genealogia.

Daí que, se Hume e Foucault se valem de um expediente analítico baseado na diferença, a síntese em Hume se dá a posteriori pelo caminho percorrido pela analítica ao passo que Foucault retoma Kant, o que “significa recobrir a diferença com uma síntese que não é da ordem da temporalidade e da experiência, como em Hume, mas da ordem de um “a priori histórico” discursivo” (p. 256). Isso comprova que a história da filosofia não é progressiva e evolutiva e que Hume pode estar à frente de Foucault, em alguns aspectos. Resta a questão de saber se seria possível uma história puramente contingente e ainda racional, sem lançar mão de qualquer expediente kantiano, ou seja, que incluía um sujeito no comando.

* * *

[i] _Ensaio de Filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura_. Débora Cristina Morato Pinto, Luiz Damon Santos Moutinho, Marcus Sacchini, Monica Loyola Stival (Orgs.). Curitiba: Editora UFPR, 2015. _Diferença e Síntese em Hume e Foucault_ – Monica Loyola Stival.

[ii] Genealogia é o mapa das ligações biológicas entre diferentes indivíduos e gerações. Como ciência, é uma auxiliar da história, estudando a origem, evolução e dispersão das famílias e respectivos sobrenomes ou apelidos. Cf.: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Genealogia>>, visitado em 20/12/18.

[iii] Arqueologia é a ciência que estuda as culturas e os modos de vida das diferentes sociedades humanas - do passado e presente - a partir da análise de vestígios materiais. (...) A ciência arqueológica pode envolver trabalhos de prospecção e escavação (...) para assim traçar os comportamentos da sociedade que as produziu. Cf.: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia>>, visitado em 20/12/18.

[iv] Foucault recorre ao expediente de olhar cada evento nominalmente em si evitando o uso de universais que normatizariam a narrativa.

O deus brasileiro é fake - 29/10/2018

A eleição de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil revela um lado sombrio do povo brasileiro, que se mantinha debaixo do tapete. A história de Jair Bolsonaro, pessoal e pública, e seu discurso, são marcados por violência, falas desconexas, exaltação à tortura, ameaça às minorias e aos direitos humanos. Jair Bolsonaro não disse isso uma ou duas vezes, disse isso inúmeras vezes, reiteradas vezes, no microfone e em rede nacional. Tal discurso ressoa na sociedade, trazendo medo e instabilidade.

Essa fala violenta de Jair Bolsonaro é ancorada por citações bíblicas, por referências a Deus. Mas, poderia a religião cristã (católica, evangélica) se valer desse discurso? Obviamente não. Isso só acontece porque as pessoas colocam as suas questões acima da religião, do próximo, de Deus e Jesus Cristo. Isso mostra que o homem usa a religião (por ele inventada) a seu bel prazer.

O Brasil, maior país católico do mundo, elege tal presidente consciente de suas falas, renegando os valores mais básicos da religião cristã. Os sacerdotes da fé, os gurus espirituais, guiaram seu rebanho nessa direção maligna. E o rebanho, cordeiros de Deus, segue de cabeça baixa pisando em o que quer que se encontre pela frente. O mote do novo presidente é o ódio, a negação ao PT e a negação a um suposto comunismo. O eleitorado que elege esse candidato desumano estampa frases sobre a família e sobre fé. Mas legitima um modo de vida preconceituoso e supremacista.

Racionalmente e emocionalmente, Jair Bolsonaro não se sustenta, não se explica. A população que se diz cristã, se contradiz. Tal estado de coisas conduz a duas possibilidades: ou Deus não existe e aí a religião é fake, já que Ele seria a base da igreja ou o Deus desses brasileiros (que votaram em Bolsonaro) é um deus-fake. Deus-fake que serve para juntar pessoas em torno de uma fé embaralhada, manipulada, distorcida. Como o discurso de Jair Bolsonaro é de matar pessoas, (Jair Bolsonaro não disse isso uma ou duas vezes, disse isso inúmeras vezes, reiteradas vezes, no microfone e em rede nacional) em tese é Cristo que morre porque Cristo está no outro, mas se esse deus é fake, ele pode ser morto.

Que é escrever?* - 14/10/2018

A partir de um breve apanhado de citações de Sartre gostaríamos de caracterizar a dialética da liberdade fruto de uma criação imaginária e mostrar como ela cria e é criada através de um processo de libertação, onde o fundamento da liberdade não é só um algo subjetivo, mas ela é posta na intersubjetividade e se objetiva em um processo crítico e utópico de libertação, em um processo cíclico que só é finalizado quando todos atuam livremente.

No primeiro capítulo do livro[i], Sartre procura fazer uma diferenciação das artes: “não é apenas a forma que diferencia, mas também a matéria”[ii], sendo essa última o elemento fundamental de sua abordagem, já que para o artista a cor, o som e a textura são coisas que correspondem a objetos imaginários não existentes, objetos criados: “um canto de dor é a própria dor (...) é uma dor que não existe mais, é uma dor que é”. Dor imaginária, do mesmo jeito que uma casa em um quadro é uma casa imaginária representada pelas cores com que foi pintada e é um objeto em si – não remete a outros objetos. “O escritor, ao contrário, lida com os significados. Mas cabe distinguir: o império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com a pintura, a escultura, a música”. É ao tratar da matéria de cada arte que Sartre faz a limpeza de terreno para a prosa: enquanto as demais artes têm como matéria imagens que são fim em si mesmas, a prosa se utiliza da **palavra como signo**, como um sinal, uma passagem para um significado que se cria e se constrói. “Não se pintam significados, não se transformam significados em música; sendo assim, quem ousaria exigir do pintor ou do músico que se engajem?”.

Na base desta divisão está a possibilidade de engajamento pela utilização do signo: “Pois a ambiguidade do signo implica que se possa, a seu bel prazer, atravessá-lo como a uma vidraça, e visar através dele à coisa significada, ou voltar o olhar para a realidade do signo e considerá-lo como objeto”. Estamos no limite da produção imaginária, do perceber o signo como objeto ou de imaginar para nós outra significação: o contemplar da poesia ou o visar da prosa. A prosa se utiliza da linguagem, usa-a como **instrumento de comunicação**, como se fizesse parte do nosso corpo e dos nossos sentidos, como um meio que se faz pela ação e depois se esquece, serve para agir em um determinado momento e em determinada circunstância.

Uma vez delimitado o campo da prosa, Sartre vai caracterizar o ato de escrever, ato de falar, se comunicar, a partir de um jogo de perguntas e respostas, como uma ação que desvenda o mundo, como projeto de mudança da

situação em que o escritor está inserido. O objetivo desse desvendamento é mudar o mundo revelando a verdade que se esconde na ação de cada homem e ao se mostrar e mostrar o mundo, esse deixa de ser ignorado e cada homem se torna responsável pelo mundo e pelos outros homens, cada homem se engaja. Mas a escrita deve se preocupar com o conteúdo e, como consequência dele a forma, o estilo: “trata-se de saber a respeito de que se quer escrever (...). E quando já se sabe, resta decidir como se escreverá.”. E a literatura que importa é a atual, contemporânea de cada época, uma literatura viva, de enfrentamento. Diferente da que tratam os críticos, que valorizam os grandes nomes e obras do passado, que já estão superados e não podem mais ser confrontados. “Tal é, pois, a “verdadeira” e “pura” literatura: uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade”, quando uma entrega subjetiva pelo engajamento vale mais que uma aparente objetividade.

* * *

* Da série _Revisando o material de escola_, a disciplina Ética e Filosofia Política II, no 1º Semestre de 2014, trouxe o tema da imaginação na filosofia francesa do final do XX e sua relação com a experiência de liberdade. Aqui trazemos um pequeno recorte do primeiro trabalho.

[i] SARTRE, Jean Paul. “ _Que é a literatura?”_. São Paulo: Editora Ática, 2004.

[ii] “_Que é a literatura?”_, p. 10. Demais citações nas páginas seguintes.

Intersecção - 22/09/2018

Uma pessoa pode se confundir com outra? Se sim, até que ponto? Leio um livro e há uma estória ali, há vários personagens, uns mais marcantes e outros menos. O que ocorre é que a leitura, silenciosa, está dentro de nós. Exercício no

mais das vezes solitário. Pensamos e imaginamos uma estória de outrem, mas que nos atinge. Nesse contexto há três instâncias em ação, que se interseccionam: o escritor, o leitor e os personagens, para onde saltamos ao imponderável.

Nessa interseção, até que ponto o escritor está no personagem e até que ponto o leitor está no personagem? De fato, eles o disputam, cada um à sua maneira, e o personagem, fantoche dessas ilusões, ganha vida: daqui para lá e de lá para cá, pois há uma luta incessante que só acaba quando o livro acaba que é quando tudo acaba. Porque o leitor, envolvido, deseja determinado caminho ou situação para o personagem que definitivamente, não está em seu poder de atuação, ou estaria? Já o escritor, dono da tinta, dá a palavra final. Mas qual a sua independência? Como não duvidar que, após ganhar vida, o personagem não o domine? Inglória disputa... Sem vencedor!

É quando nos encontramos com Trapo, de Tezza: um personagem professor que lê as memórias de um poeta precoce, que se suicidou. A transição entre vida de professor, escritos de poeta e sonhos de professor se dá sutilmente e precisamos estar atentos para saber onde estamos. A intersecção da trama intersecciona a relação escritor leitor: há um limite ou é tudo uma coisa só? Da trama da vida real, de pessoas estanques, passamos para a trama dos papéis (personagem, leitor, escritor) para nos perdemos na trama dos personagens, quando já não há mais domínio de qualquer fato.

Por hora, não sabemos aonde a trama de Tezza desembocara, mas o que podemos afirmar é que estamos interseccionados todos, na trama do mundo. Tudo nos toca e influencia, portanto, não nos resta alternativa: só a ação e o posicionamento podem de alguma forma mudar a história de nossa vida, mesmo que por linhas tortuosas.

bichinho perdido - 12/09/2018

Imagine um bichinho perdido na selva. Para ajudar a imaginação e evitar devaneios, imagine que ele é um esquilo de meia-idade. Corpo bem desenvolvido, vasta pelagem e membros delineados, porém pequenino. Dentre tantos dotes, ele é um bichinho perdido na selva. Saltitante, vai daqui para lá e de lá para cá. Nas andanças, sempre procura comida e quando cansa, dorme. Mas o bichinho está aflito: ele está perdido e isso o contrai e contraria. Ele precisa se achar,

essa é sua única preocupação, mas é uma preocupação incessante, estressante. O bichinho quando dorme, não importa se um predador vem a lhe espreitar, esse perigo não está em seus planos. O bichinho perdido só se verte a problemas reais, um problema que de fato existe e não se importa com possibilidades. No entanto, se o bichinho percebe o perigo, o vociferar da cadeia alimentícia, esse então se torna problema maior e, se perdido, fica pior: mais perdido estará, de tanto correr.

O bichinho está sempre aflito, mas come, dorme, excreta e descansa e, apesar disso, não se cansa: sua meta é se achar. Mas onde estão todos? Esse mato alto, um céu cinza, ecos do falcão. O bichinho procura tenso, superando obstáculos. Para o bichinho, todos esses afazeres são necessidades que se somam, de tão longe que o prazer se encontra. Se o veem, por ventura, comendo, não sabem os males que o atormentam. Mas se o veem correndo sabem que há motivo. O bichinho quer achar para se achar. O bichinho quer seu bando. Sem bando, sambando, segue, seu bando sabe-se lá onde está. Pobre bichinho, por que isso tanto te desconcerta? Afinal, esse problema, é um problema real?

O bichinho era só bichinho, sem sobrenome, mas de tanta força ganhou outro nome: bichinho perdido. Agora, tão conhecido, não se faz de rogado, sua sina seu batismo. Bichinho perdido, tu não podes viver assim, simplesmente perdido? Precisas estar aflito, sempre correndo? Bichinho perdido decida-se: o que te falta é o que tu queres ou tu queres a falta? Não te basta ser um bichinho perdido, por que tamanha aflição? Saiba bichinho que nessa selva há tantos e tantos outros bichinhos perdidos que não se incomodam. Você pode ser mais um bichinho perdido se for apenas um bichinho perdido, mas se for para ser um bichinho perdido aflito, se ache!! Afinal, se perder é mais difícil do que se achar.

Respirar e seguir - 05/09/2018

Há muitos momentos esquisitos na vivência. O fluxo de imagens, sons, cores e cheiros que passam pelo mundo, e que nos perpassam, é um fluxo contínuo e dúbio, senão contraditório. Com certeza, não há certeza. Soma-se ao externo o interno, o mesmo fluxo de imagens, etc., está dentro de nós. Não importa aqui o que essas coisas sejam de fato, seus nomes as indicam e fazem delas objetos que nos tocam. É nessa balburdia que vivemos e assim confundimos o que está em nós, com o que nos perpassa e com o que está fora. Como ter certeza?

A imagem mental proveniente de um pensamento ou sentimento tem sua origem exclusivamente interna ou é uma interferência externa? Ela também pode ser um pouco de cada. Nessa incerteza, não há autonomia. Se uma houvesse a outra poderia ser teorizada. Mas há muitas outras teorias e teorizações, pois o cérebro humano, enquanto vivo, não para. Além disso, há palavras e sentimentos que nos tocam. Mais do que a objetividade externa que caracterizávamos, há uma subjetividade que a acompanha, muitas vezes.

E há conspirações. Não bastasse essa efeméride de eventos, ainda contribuímos com a produção desenfreada de ruídos de toda espécie. Há falsificações, estímulos nervosos de origem psíquica e impulsos cerebrais por vezes sem origem, embora na maioria das ocorrências uma dor seja uma dor física de um desgaste biológico. Porém, se por algum motivo o “momento esquisito” se transforme em um “estado esquisito”, só nos resta respirar e seguir.

Uma simples equação - 15/08/2018

Para o ser humano, tudo é viver e nada mais. Não importa como e nem por que. Basicamente é isso o que nos leva aos crimes mais hediondos e aos pequenos delitos. A necessidade de nos mantermos vivo é a força que faz com que nada pareça assustador. Mais do que nunca, é preciso sair do outro lado. E, de posse dessas variáveis de realidade, cada um constrói sua caminhada, uma mais dolorida, outra suportável. Além do mais, tudo muda o tempo todo e isso está definitivamente fora de nosso controle. Então, o que fazer?

A equação é simples: viver o momento presente tentando garantir que o rastro de deslocamento não deixe amarras ou feridas abertas para que o presente seja possível sem um peso extra e até visando algo. Mas isso é o de menos, porque tudo é muito igual. A gente muda daqui para ali, de lá para cá e tudo continua. Talvez esse seja o grande objetivo de mudar: permanecer o mesmo. Ainda mais se houver uma fórmula indicando a mudança: isso significará que a mudança é o fim e não o que permanece. A permanência perde seu lugar e, de menosprezada, desaparece. É quando se chega à velha fórmula: o que é sólido desmancha no ar.

Mas não nos façamos de rogado, afinal há sempre uma cerveja. Há vontade de dormir, há o frio e o cobertor para quem tem. A gente vai se arrumando, vai se

arranhando, vai ranhetando. E vivendo mal, muito mal. Mas querendo viver. Porque tudo é viver e nada mais. Jamais conheceremos a fórmula que garante certa leveza. Chore e siga. Siga e sorria. Afinal, a equação é simples.

Nosso Neymar - 06/07/2018

O Brasil é Neymar e Neymar é o Brasil. Se já éramos o país do futebol [de Pelé] então continuamos a ser o país do futebol [de Pelé e Neymar e tantos outros], assim como os Estados Unidos são o país do time dos sonhos do basquete e Cuba o país do boxe. É copa do mundo de futebol e os especialistas no assunto olham para as seleções dos países participantes, mas tanto se fala de Neymar. Para o bem e para o mal, reforçando nosso sempre desgastado julgamento maniqueísta. E seguimos sendo o país do futebol.

É marcante como o futebol do Brasil inspira sentimentos por todo o globo e tal fato não é ocasional já que somos um dos melhores, senão o melhor. Ao longo da história, já tivemos muitos times que encantam, já ganhamos muitos campeonatos e exibimos um futebol alegre, envolvente e, às vezes, pragmático. A camisa amarela, que por um momento foi usada como símbolo de protesto para a derrubada de nossa presidenta, é a camisa usada por muitos, é uma camisa que conquista. E Neymar é o Brasil.

Neymar é o Brasil com sua ginga, improvisação e criatividade. O “jeitinho” brasileiro não é, necessariamente, a transgressão, mas um modo de ser, uma possibilidade de vitória. Neymar pensa rápido e é ligeiro e nosso jeitinho pode e deve ser responsável e ético, dentro das regras do jogo. Somos assim, fazemos samba como ninguém, jogamos capoeira, driblamos os problemas do dia a dia com ousadia.

Neymar é o Brasil da foto, o Brasil que se mostra. Somos grandes consumidores de mídias sociais, gostamos de compartilhar vídeos, mensagens, piadinhas. Neymar é um camaleão, de cabelo amarelo, cabelo raspado, todo tatuado. O jogador famoso que namora a atriz famosa, o rico amado pelos pobres e pela classe média, o rico odiado pelos pobres e pela classe média.

Neymar é a nata. Nesse país desigual, poucos têm muito e muito tem poucos. País de funk ostentação. Neymar tem muito, seu talento lhe deu isso é uma

herança. O Brasil é o país da herança, da tradição que passa de pai para filho, das famílias abastadas. País da seletividade e de uma meritocracia utópica, já que só há mérito em iguais condições de possibilidade.

Neymar é o Brasil autoritário e conservador. Nossas autoridades e instituições ainda se destacam pela truculência, por imposições à sociedade. Neymar acossa juízes de dedo em riste, xinga os adversários, passa por cima. No Brasil o coronelato persiste forte, minorias são desrespeitadas, ativistas são assassinados. Cala-se o outro.

Neymar é o jogador do futuro. Os maiores são Messi e Cristiano Ronaldo, mas Neymar está ali, na sombra, quase chegando. O Brasil é o país do futuro, às vezes parece que vai, avança, mas de repente tem uma recaída e como retrocede! O que falta a Neymar? O que falta ao Brasil? O que queremos afinal? Ser um time que brilha um jogador que brilha? Ser um país que brilha ou uma elite que brilha? Queremos jogar bonito e dentro da lei? Queremos um povo educado e solidário, queremos um país justo?

Não importa isso agora, hoje é o Brasil em campo, a pátria de chuteiras, tudo para, todos veremos. Veremos Neymar entre a cruz e a espada, Neymar tentando vencer seus medos, suas fraquezas e o adversário. Ele pode e é capaz, do jeito certo. Porém, amanhã, seremos o país da eleição, que precisa decidir o caminho a seguir. A história de nossa democracia de 30 anos nos mostra muita coisa, saibamos aprender.

Vai Neymar!! Vai Brasil!!

Idealista - 08/06/2018

Tem uma discussão antiga em Filosofia (ou moderna, mas não há porque precisar agora) que opõe idealismo e realismo, que vamos explorar um pouco nesse texto. Esse debate tem um pano de fundo epistemológico, ou seja, se refere à teoria do conhecimento ou ao que conhecemos e como conhecemos. Para os idealistas, o conhecimento provém das ideias e aí há muitas interpretações, mas, simplificando, temos um conhecimento inato, ou seja, que nos pertence desde que nascemos e que é mandatário para nossa vivência. Para os realistas, a realidade tem precedência sobre as ideias e, nesse sentido, há um enfraquecimento do idealismo, pois ele poderia ter, digamos, menos concretude. O idealismo projeta nossas ideias sobre a realidade e a torna irrelevante,

desprezível, a força das ideias cria o mundo, as pessoas, tudo. Já para o realismo, talvez as ideias não sejam realmente tão importantes. É importante salientar como podemos conceber o mundo pelas ideias, pela nossa ideia: nós sempre nos impomos e atuamos como senhores desse mundo fabricado pelas ideias. Do que surge a pergunta: há realidade (objetividade) sem ideia (subjetividade)? De que serve uma objetividade em si, sem uma subjetividade para explorá-la? Do mesmo modo, uma subjetividade sem objetividade é vazia: esse é um velho debate!!!

Mas idealismo também significa que temos ideais: que imaginamos coisas que podem se dar na realidade, que podem superar a realidade. Um ideal é uma tentativa de superar uma realidade que é só real, mais nada. “Bem, o ideal é fazer assim, mas como não tem jeito, façamos assado”. Ideal: assim, realidade: assado. É muito difícil mudar a realidade e isso só pode acontecer se houver uma idealidade que a supere. Mas também, ninguém vive somente de idealidades. Uma coisa importante a se ressaltar é: às vezes o pragmatismo da realidade nos impede de escaparmos para a utopia da idealidade. Em situações de crise (e nós sempre estamos em situação de crise porque somos seres humanos erráticos e falíveis) tendemos a nos agarrar à realidade porque ela é objetiva, está aí, está lá, é palpável. Já o idealismo, nesse sentido, é um desafio que nos inquieta: dizem que o ideal não é possível. Porém, por mais que o ideal não seja possível, realisticamente falando, ainda assim ele é possível para uma subjetividade e viver de fantasias pode ser nosso último porto seguro.

Compatibilizando os qualias com o fisicalismo* - 06/06/2018

Seguimos com a abordagem que Vincetini faz dos qualia e que temos usado para nos trazer mais argumentos para a investigação epifenomenalista[i]. Trataremos primeiramente de Levin e sua tentativa de conciliar qualias com visão fisicalista. Relembremos primeiro, como sugere Vicentini, dos problemas colocados por Nagel, de que há um aspecto subjetivo na experiência que não pode ser reduzido à mera descrição objetiva (ser como morcego)[ii] e Jackson, do experimento do quarto de Mary que afirma que a experiência de ver cores é um acréscimo ao conhecimento. Na base desses dois argumentos está a crítica a redução materialista, ou seja, os qualias seriam uma barreira para o fisicalismo.

A partir deles, Levin argumenta que tais conhecimentos não são teóricos como

queriam Nagel e Jackson, mas práticos, ou seja, são habilidades práticas e, por isso, não seriam tratados pelo fisicalismo. Para Levin, Mary, ao sair do quarto, não seria capaz de discriminar entre uma cor azul e outra amarela, já que nunca teve esse tipo de experiência, mas ela saberia que está tendo duas experiências distintas. O que importa, nesse caso, é _como descrever cada cor objetivamente_, independentemente dos qualias; eles não teriam papel em um conhecimento convencional [de cores]. O equívoco na abordagem dos qualias, segundo Levin, seria em relação ao reconhecimento direto (estado mental => experiência) e ele pode ocorrer devido a uma falta de conhecimento teórico ou dificuldade na aplicação prática de um conceito.

Entretanto, Vicentini tenta compreender como a experiência pode contribuir para o conhecimento teórico a partir de uma via indireta, transmitindo qualidades pela descrição. Por exemplo, ele cita o caso de um especialista em vinho que poderia descrever um novo paladar para outro especialista de maneira satisfatória e que chegaria próximo à fenomenologia objetiva almejada por Nagel, ainda que nessas situações bem peculiares, onde se tem uma experiência vasta no assunto.

Vicentini também aborda a proposta de Shoemaker de tratar os qualias cientificamente, via funcionalismo. Retomaremos aqui a refutação de Shoemaker à objeção mais importante ao funcionalismo, a dos qualias ausentes: haveria em algumas ocasiões a possibilidade de que dois estados mentais funcionalmente iguais pudessem um estar associado a um estado qualitativo e outro não. “An organism might be in pain even though it is feeling not at all, and his consequence seems totally unacceptable.” (p.70). Vicentini levanta se seria possível definir os qualias funcionalmente, ainda sob tal objeção. Shoemaker argumenta que se, mesmo via introspecção, que em último caso seria a nossa última ligação subjetiva com os qualias, não se poderia chegar à comprovação dos qualias, por outro lado, temos acesso a estados qualitativos quando, por exemplo, sentimos dor. Portanto, se a objeção dos qualias ausentes indica que não teríamos conhecimento dos qualias para “saber” se estamos tendo um estado qualitativo ou não, então não haveria como provar se eles existem ou não. Além disso, não há como se sentir a dor desassociada de um estado que qualifique essa dor.

O uso funcionalista dos qualias por Shoemaker se dá na proposta da equivalência qualitativa, ou seja, dados dois estados que possuem as mesmas entradas, saídas e estados sucessivos, funcionalmente falando, tais estados podem ser considerados qualitativamente os mesmos. “Se há, por exemplo, dois copos com líquidos na minha frente e ao prová-los constato que produzem em mim os mesmos qualia, eu tendo a acreditar que ambos têm o mesmo gosto e que são bons exemplos de vinho”. Embora Vicentini ressalte que a similaridade

qualitativa só é viável se de fato não haja hipótese dos qualias ausentes, porque não conseguiria trata-los, ela é uma possibilidade interessante de exploração dos qualias cientificamente.

* * *

* Análise de Vicentini, Max Rogério. _O problema dos qualia na filosofia da mente_. Dissertação de Mestrado: Campinas, SP, 1998.

[i] Ver primeiro e segundo capítulos de Vicentini:
<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/03/os-qualia.html> e
<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/03/os-qualia-fechamento-cognitivo.html>.

[ii] Não podemos deixar de citar o exemplo usado por Leonardo Stoppa de que os juízes, os ricos, sabem o que passam os pobres, o que os pobres podem sofrer, mas não sabem o que é ser um pobre
([<https://youtu.be/NaUIWJ3b7kc?t=1759>])(<https://youtu.be/NaUIWJ3b7kc?t=1759>): 9min30).

Ciência de Dados - 05/06/2018

Após o advento da internet, que quebrou todos os paradigmas de comunicação, o computador (equipamento físico: desktop, laptop, etc.) perdeu espaço para os telefones celulares, hoje smartphones. Mais do que isso, o barateamento da tecnologia permitiu a universalização do uso dos telefones, acessível para boa parte da população e que nos possibilita estar “online” praticamente 24 horas por dia, até que o sono permita. Muito do que era feito no computador passa para o celular e uma infinidade de novos aplicativos surge para nos ajudar em todo o tipo de tarefa e para que economizemos tempo. Hoje em dia não vamos ao banco, mas levamos o banco no bolso. Acordamos e já sabemos a previsão do tempo e que roupa nós devemos usar e também já sabemos como está o trânsito e se podemos cochilar mais um pouco.

O celular, nosso novo alter ego, por um lado abstrai o contato com o mundo da vida, mundo que está aí e sempre estará, mundo concreto e, por outro, nos leva ao consumo, reprodução e produção de dados e informações infinitas no mundo virtual, digital. Se o mundo concreto é mundo “big brother”, mundo com câmeras a nos olhar e vigiar, o mundo virtual, do celular, é um mundo de extrema rastreabilidade. Qualquer clique, o abrir um aplicativo, tirar uma foto, fazer um backup, etc., gera uma informação valiosa para os fornecedores de aplicação que passam a saber como nos comportamos, quais opções preferimos e o que os leva a alavancar vantagens e, obviamente, vender mais (o que significa nos dar o que queremos). A facilidade do celular só é fácil porque geramos dados que são processados pelas empresas que os recebem e nos devolvem na forma dessa facilidade. É o círculo virtuoso. Ou vicioso? Mais dados produzimos, mais estamos distantes do mundo da vida, mundo concreto, diverso, imprevisível. A estabilidade que o mundo virtual nos traz se converte em confiança para com o aparelho e em sua cumplicidade.

Não podemos nos esquecer, entretanto, das enormes contribuições que a produção de dados e a reprodutibilidade de condições e experimentos oferecem à medicina, organização social, infraestrutura, etc. Toda a sociedade tem se beneficiado, nos mais diversos aspectos, dessa explosão digital. Surge, no mundo da vida transformado em mundo digital, uma nova ciência de natureza digital: a ciência de dados. Ela se apoia fortemente na matemática, que encontrou seu rumo como ciência a muitos séculos atrás, e permite a mais abrangente e surpreendente análise e tratamento de dados. Vejamos os modelos de redes neurais, a comunicação entre máquinas, inteligência artificial, etc. Todo esse aparato tem se apropriado dos mais variados domínios do mundo da vida e, através da tecnologia da informação e da estatística, permitido quatro ações: 1) descrição das informações presentes em um determinado domínio, 2) o diagnóstico de porquê tais condições foram adquiridas e, sua dupla pedra de toque: 3) a predição do que pode ocorrer em determinado momento futuro e 4) a prescrição do que deve ser feito quando essa nova situação for encontrada.

Sem dúvida, a ciência de dados faz parte de um processo contemporâneo de decodificação dos dados de realidade pelas tecnologias emergentes, sua transformação e codificação que retorna com as orientações que podem interferir nas ações e projetos dos mais diversos domínios. Existem muitos dados e informações armazenados nos computadores do mundo todo, a maior parte da produção acadêmica e científica está exposta ao acesso digital via internet e suas infinitas combinações de buscas e resultados. O crescimento e as possibilidades são exponenciais, o mundo virtual se abre como um portal que abduz o mundo concreto. Todo o desenvolvimento humano sempre se surpreendeu com os avanços e retrocessos da técnica, que pode ser usada para o bem e para

o mal. Mais do que os dados que temos disponíveis atualmente, há pessoas por trás desses dados e são elas que devem decidir o que fazer com eles e como eles podem contribuir com um mundo melhor, que seja virtual enquanto dure porque concreto jamais deixará de ser.

Paradigmas do século XXI[i] - 27/05/2018

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han faz um diagnóstico de nossa época pela enfermidade, caracterizando o século XXI como das doenças neuronais. Isso não é nenhuma novidade, mas se filósofos dizem muitas obviedades, temos que observar como as dizem e de que maneira tal pensamento é construído. Sua argumentação começa com dois pontos que destacaremos aqui e que se referem a como nosso tempo se contrapõe ao anterior: a mudança na abordagem das doenças fundamentais e a superação do conceito foucaultiano de sociedade da disciplina.

Han enquadra o tratamento das patologias [bacteriológicas e virais] do último período na abordagem imunológica, ou seja, que se utiliza da _negatividade_ no combate ao corpo estranho. A terminologia imunológica se utiliza de um vocabulário de guerra: combate a vírus invasores, criação de anticorpos de defesa, etc. Essa perspectiva de eliminação do estranho, segundo Han, orienta discursos sociais que se utilizam desse modelo imunológico, mas que já estaria superado no século XXI. Há uma mudança de paradigma e, se agora já não há mais intolerância ao estranho, há um excesso de positividade. Han cita, por exemplo, a questão dos imigrantes que atualmente deixam de ser uma ameaça para se tornarem um peso aos países que os recebe. Conforme Han: “O paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização. A alteridade, que provocaria uma imunorreação atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras” (cap. 1, p. 13). A dialética da positividade das doenças neuronais não significa que não haja violência na sua atuação. Se o viral era repellido pela negação[ii], a violência da doença neuronal não é em relação ao estranho, mas ela é imanente, faz parte do sistema e é resultante da superprodução e do superdesempenho. Por isso, essa violência não se “revela” na estranheza que vem da inimizade do diferente, mas de positiva se dá em uma sociedade permissiva e pacificada.

Por outro lado, a sociedade disciplinar proposta por Foucault, aquela das instituições que “encarceram”, já não se aplica[iii]. Ela era baseada na negatividade, mas agora adentramos a sociedade do desempenho e reina a

positividade. Dito pelo filósofo: “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados” (cap. 2, p. 24). Han argumenta que há uma continuidade da produção, lá os corpos produtivos não serviam e eles deveriam ser tratados, aqui se deve produzir sempre mais. Estamos, pois bem, em tempos de sociedade do desempenho e temos que nos ver com nós mesmos e carregamos a marca da produtividade. Se parece que somos livres para fazer de acordo com o que queremos, na verdade estamos presos no fazer, sem pensar e temos que nos assumir como empreendedores, mas isso cansa. Conforme Han: “A lamúria do indivíduo depressivo de que _nada é possível_ só se torna possível numa sociedade que crê que _nada é impossível_” (cap. 2, p. 29).

Podemos perceber, pelo diagnóstico de Han, seu pessimismo em relação ao nosso tempo. A positividade que se mostra tanto na violência sistêmica que gera doenças neuronais, como na sociedade de desempenho, acontece em um mundo saturado e não parece apontar saída. Essa não é a ética de Terra Dois[iv] que apresenta um mundo contemporâneo estimulado pela criatividade e onde a positividade pode ser encarada em novo modo de vida horizontalizado e leve. Entre um e outro, precisamos viver bem no século XXI.

* * *

[i] HAN, BYUNG-CHUL. *_Sociedade do Cansaço_*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

[ii] Negação da negação: um vírus é um corpo estranho que me invade para me negar e eu nego esse corpo estranho.

[iii] Sociedade disciplinar pode ser vista em
<<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/02/corpos-doceis-e-rentaveis.html>>.

[iv] Sobre Terra Dois:
<<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/04/aparato-terra-dois.html>>.

Aparato Terra Dois* - 30/04/2018

É difícil admitir, mas o mundo mudou. Há um novo tempo e nele estamos iguais ou diferentes, embora perceber o hoje possa diminuir nosso sofrimento. Simplesmente porque não há como resistir, ninguém escapa. Tudo o que era de uma forma estável e equilibrada, agora balança. O natural, o cotidiano se transformou e nos impacta. Esse novo tempo é Terra Dois. Em Terra Dois os pontos de vista se equiparam e a relação vertical se horizontaliza. A ética horizontal traz um novo tipo de responsabilidade e atua nas mais diversas áreas. Os pontos fixos de Terra Um, pontos de referência, são explodidos em Terra Dois e deles novos pontos aparecem espalhados, cindindo aqui e acolá, iluminando, apagando, criando.

Terra Dois não é melhor nem pior que Terra Um, mas as qualidades adquirem novo aspecto. O que era garantido e planejado, agora é provisório e inesperado, mas tanto lá como cá, deve ser construído e sedimentado. A dinâmica de Terra Dois é a do múltiplo e o farol aponta para muitas direções. A observância cede terreno para o questionamento e a imposição não se sustenta. O querer compete em pé de igualdade com o dever e não há nada que não possa ser de outro jeito. O controle espacial do tempo de Terra Um, segmentado, passa a ser um não controle atemporal já que algo sempre pode acontecer. Porém, a ética de Terra Dois não é superficial, é uma ética horizontal, não importando tanto a profundidade, mas a abrangência e o alcance.

Mas Terra Dois tem algo muito específico: seu aparato. O que salta aos olhos, primeiramente, é a ruptura: de repente nos encontramos em Terra Dois. Não há um fio que conduza de Terra Um a Terra Dois, Terra Dois é o agora a ser enfrentado. Marca fundamental de Terra Dois, a ruptura é o aparato essencial que permite abandonar Terra Um e relativizar Terra Dois. Um segundo ponto é o tecnológico. Não parece haver Terra Dois sem o digital que dita seu ritmo e dimensão. É o tecnológico que tudo conecta e Terra Dois é permanentemente conectada. O digital, por outro lado, se destaca, se descola e se desloca do concreto e, em algum sentido, nos remete ao mais remoto futurismo que, de supetão, está presente e nos abduz. O terceiro aspecto de Terra Dois é a pós-modernidade. Terra Dois significa que houve (há) Terra Um e por isso é o pós. Terra Dois substitui Terra Um, que ficou para trás. As bases de Terra Um são de alguma maneira todas diametralmente recortadas para que Terra Dois se apresente como horizonte.

Estando em Terra Dois, precisamos nos conscientizar de seu aparato e sua ética. E urge transportar tais aspectos para o econômico e o social. A universalidade de Terra Dois de algum modo tem que ser aplicada a certa coletividade que a teste e reproduza. A rede que Terra Dois proporciona deve

ser capaz de abarcar o recôndito mais irracional e subjugado, de outro modo não será Terra Dois, mas Terra Meio, um pedaço de terra que descolou de Terra Um. Será a jangada de pedra de Saramago, que veleja pelo mar.

* * *

* <<http://tvcultura.com.br/programas/terradois/>>

Proliferação plural progressista - 20/04/2018

O boom da internet é o boom da comunicação e o giro da informação. Por mais disputado que seja o espaço da rede, por mais capitalizado e capitalista, a internet é quase a nossa vida real. Ela faz com que o virtual seja tomado como real. Estando em casa, fechados, estamos no mundo. Se assim era com a TV, as mídias sociais acrescentam a interatividade e a possibilidade de posicionamento de cada um. Embora não haja qualquer garantia de neutralidade na rede e nos algoritmos, ainda assim o espaço parece mais democrático quando comparado com a mídia tradicional, que também ocupa essa nova plataforma.

De todo modo, se expor é, ao que parece, escolha individual. Porque há a internet como fim, somente para consumo de informações, mas há a internet como meio (de troca): escolhe-se não ser um alguém (lá) ou ser um alguém identificado, ambos consumindo. Mas o fato de se expor, se por um lado pode criar um conflito entre o privado e o público, por outro lado permite a associação de pessoas e ideias. Mais do que isso, permite o surgimento de lideranças e o compartilhamento – palavra chave em nosso tempo.

Dito isso, o que podemos constatar, pelos dois canais que apreciamos (Twitter e Youtube), é uma proliferação plural progressista. Uma proliferação pode não ser plural, por exemplo, uma proliferação de bactérias ou uma metástase. Já uma proliferação plural é muito abrangente, pois não filtra. Especificamente a proliferação plural progressista é a proliferação de ideias plurais dentro do campo de pensamento e atuação progressista. Isso não quer dizer que tal campo é 100% idôneo, sincero ou neutro, pelo contrário, é o viés que o classifica. A proliferação plural progressista (PPP), permite um contato direto entre os

frequentadores do meio digital, sem interferência patronal ou editorial com censura velada. Permite a escolha.

Por exemplo, muitos de nós nos informamos pelos sites de notícias. Porém, qual critério é usado por eles? O UOL, por exemplo, de quanto em quanto tempo atualiza as manchetes de sua página principal? Quanto tempo ele deixa uma manchete e/ou imagem no topo de seu site e por quê? Que tipo de notícia é por eles escolhida e com que base de análise? Os colunistas, com qual critério são contratados? A Rede Globo, que ataca na TV, rádio, internet, etc., ao que se sabe não permite posicionamento político de seus empregados. Ou permite dependendo do viés? A que interesses servem UOL e Rede Globo, dentre outros? É interessante para nós sermos informados dessa maneira absolutamente passiva e manipulada?

A PPP, por lado, é o fluxo intenso do ir e vir de ideias, fatos e streaming. Com posicionamento livre e autônomo a PPP é arma de resistência. Por ela desfilam colunistas, jornalistas, comentaristas e, em seus programas e nas suas comunicações, passam as mais variadas personalidades e intelectuais dos mais diversos campos e que expõem seus pontos de vista e conhecimentos densamente. Nesse momento de crise e dúvidas a PPP pode e deve ser usada para nos iluminar ou, ao menos, indicar caminhos divergentes da opinião pública aceita como "oficial". E, quem sabe promover uma nova transformação social e democrática.

Os qualia: Fechamento Cognitivo* - 24/03/2018

De acordo com Colin McGinn, nos diz Vicentini, apesar de sermos incapazes de resolver os problemas que envolvem os qualia, ainda assim é possível pensar em uma solução. Dada à dificuldade de compreender o mistério envolvendo corpo-mente (especificamente aqui cérebro-consciência), haveria duas vias de solução: uma que tenta uma explicação natural, científica e outra por uma intervenção sobrenatural. McGinn opta pela via natural, porém ressaltando que jamais a compreenderemos, pelo conceito do _fechamento cognitivo_ que versa que: uma mente M é _cognitivamente fechada_ para uma propriedade P, ou teoria T, se esta mente M não possui mecanismos para compreender P ou T.

A partir disso, podemos pensar na propriedade P do cérebro que é responsável pela ligação do cérebro com a consciência (PCC). Então, há uma teoria T, que se refere a PCC, a partir da qual T explicaria a dependência dos estados de

consciência em relação aos estados cerebrais (TCC). Pois bem, a mente humana MH pode conhecer PCC? Segundo McGinn, não, pois PCC nos é _cognitivamente fechada_ e isso pode ser verificado tanto a partir do cérebro, quanto da consciência, já que só há dois modos de conhecimento de PCC: introspecção (investigação da consciência) e percepção (investigação do cérebro).

Pelo lado da introspecção chegaríamos a uma propriedade interna da consciência (PIC – os qualia), mas não teríamos acesso à ligação psicofísica (PCC), que interessa ao conhecimento científico. Então a introspecção está _cognitivamente fechada_ para PCC, apontando para uma limitação de nosso conhecimento. Pelo lado do cérebro, o conhecimento da propriedade PCC não é observável e perceptualmente fechado[i]. Isso se dá porque nossos sentidos se acostumaram a ver as coisas no espaço, aquém da PCC. O fato de ser perceptualmente fechado leva ao fechamento cognitivo, já que, embora possamos formar conceitos sobre o que não é observável, não podemos extrair PCC da observação porque observamos propriedades físicas, que não alcançam a consciência.

Vicentini conclui que McGinn aceita os qualia sem questioná-los e que mente é produto de uma evolução biológica natural, assim como o corpo e apresenta limitações. Dada nossa dependência de introspecção ou percepção, haveria algum tipo de ciência capaz de explicar a consciência de maneira não misteriosa. Além disso, McGinn aceita que uma mente M conhece de acordo com sua consciência, o que impediria a MH de conhecer outras consciências[ii]. McGinn, podemos concluir, entende que há um problema em seu conhecimento científico, mas não há uma limitação filosófica e nos parece que se aproxima de uma visão funcionalista ou comportamental da mente. Embora se encaixe em um fisicalismo epifenomenalista, dado que a mente se origina da matéria cerebral.

* * *

(*) Extraído de Vicentini, Max Rogério. _O problema dos qualia na filosofia da mente_. Dissertação de Mestrado: Campinas, SP, 1998, cap. II.

[i] McGinn chama a consciência de númeno (oposto do fenômeno). A argumentação de McGinn assemelha-se a antinomia kantiana.

[ii] Segundo Vicentini, McGinn concorda e aceita a tese de Nagel: não conheceremos a mente de um morcego.

Os qualia* - 20/03/2018

Vicentini analisa os qualia fazendo uma polarização entre intuição e ciência e enfatizando que, usando tal noção como crítica ao fisicalismo, deixamos de lado sua conceituação. Seu ponto principal é: a partir do uso dos qualia pela tradição, seria possível tratá-los por uma abordagem fiscalista?

_Intuição _versus_ ciência_. Para ele, há uma incongruência entre intuição e ciência. Por um lado, a intuição é a forma como experimentamos o mundo pelos sentidos, ou seja, _o mundo como ele é_, com seus odores, sabores e cores. Por outro lado, uma visão científica do mundo nos é apresentada como um conjunto de elementos básicos e enunciados de leis. Diante disso, há uma imagem do mundo que não tem lugar na descrição científica[i]. É aí que aparece o conceito de qualia que caracteriza a maneira como as coisas nos aparecem. Vicentini remete essa distinção ao século XVII, em um experimento de pensamento discutido pelos empiristas Locke e Berkeley.

Os limites do conhecimento teórico. A fim de mostrar que as ideias se originam dos sentidos, os empiristas ingleses propuseram um experimento do pensamento no qual se desejava saber se um cego, que de repente começasse a enxergar, poderia discriminar um cubo de uma esfera, apenas pela visão. A resposta dada é que não, já que a ideia das coisas visíveis se originava pela experiência visual[ii]. Do mesmo modo, não seria possível o conhecimento de um fato apenas pela descrição objetiva do vocabulário neutro da ciência. Entre a crença em nossas percepções qualitativas conscientes e a pretensão fisicalista que tudo pode ser conhecido objetivamente, a ciência não propicia uma visão completa do mundo.

A colocação do problema. Segundo Vicentini, qualia é um termo filosófico usado para denotar as características intrínsecas de nossas sensações obtidas pela introspecção e, como tal, se opõe à possibilidade de que a consciência caiba no cérebro, se opõe a uma consciência corporificada.[iii] Não obstante essa definição, Vicentini ressalta que a questão é mal formulada. Tais características intrínsecas teriam surgido nas décadas de 50 e 60 contra as teorias de identidade que reduziam a mente à matéria. Porém, para ele, há uma confusão no conceito de qualia que é usado para fazer a crítica ao fisicalismo. Do que questiona se a ideia de qualia seria intratável. Ou seja, ainda não se achou maneira de definir os qualia, como, por exemplo, explicar a outra pessoa o sabor do creme de cupuaçu se ela nem sabe que é uma fruta. Isso

seria possível?

Dois problemas. Quais características que a tradição atribui ao conceito de quale? Vemos céu e mar igualmente azuis, como podemos afirmar que percebemos uma só cor? Fazemos isso comparando as duas sensações em nossa consciência e emitimos um juízo. Mas, como afirmar que outro observador tem a mesma sensação que a nossa ou até se tem alguma? Embora possa haver concordância verbal, a comparação das qualidades que experienciamos parece impossível. Tal impossibilidade sugere que os qualia são 1) de acesso somente privado, 2) inefáveis, dadas suas propriedades intrínsecas e 3) poderiam ser acessados diretamente por cada um de nós. Enfatiza Vicentini, qual o problema, então? Para ele, é o caso de saber se os qualia podem ser tratados por uma abordagem fisicalista, que seria crença dominante nas ciências da mente contemporâneas. A possibilidade de tratamento é a análise de argumentos para saber, primeiro, quais as propriedades dos qualia, através da literatura filosófica recente e, depois, se eles realmente existem. Vejamos o tratamento dado por Nagel e Jackson aos qualia para criticar o fisicalismo e a abordagem crítica de Dennett: intuições equivocadas e viciadas na visão cartesiana do mundo. Vicentini investigará se devemos aceitar os qualia como descreve a tradição ou colocar a questão em outros termos.

A abordagem de Thomas Nagel. Para Nagel, a ciência jamais alcançará o conhecimento do que é ser como algo (um morcego, por exemplo). Ele visa rebater a redução do mental ao físico e a dificuldade de abordar a consciência. Pois, se há ser consciente, existe algo que é ser como aquele organismo, mas isso é característica do caráter subjetivo pertencente intrinsecamente a quem experiencia o mundo. Então, há ignorância a respeito da ontologia desses estados mentais conscientes subjetivos pois, para cada estado consciente, há seu próprio ponto de vista, porém a ciência busca o ponto de vista objetivo e comum[iv]. Não podemos conhecer a experiência de um órgão dos sentidos que se comporte como sonar, pois não temos tal estrutura perceptiva e não podemos nem ao menos imaginar, já que a imaginação também é dependente de nossas experiências. Isso é um limite da capacidade humana de conhecer, porque “não podemos sentir como um morcego sem sermos também um morcego”. As nossas percepções são percepções para nós e não sabemos como a orientação espacial é sentida por um morcego. Há um tipo de experiência que escapa aos métodos científicos, onde o caráter subjetivo se contrapõe ao caráter objetivo da ciência moderna.

A abordagem de Frank Jackson. Seguindo a mesma linha, Jackson argumenta que o Fisicalismo ignora aspectos informacionais do mundo, como a nossa atividade consciente. Por mais informações físicas que tenhamos, elas não dão conta dos qualia, denotados por ele como sensações corpóreas e experiências perceptivas.

Vicentini pergunta, por exemplo, se conseguimos descrever o aroma de uma flor[v]. Através do experimento do quarto de Mary, Jackson propõe a situação onde uma pessoa é confinada, desde o nascimento, em um quarto fechado sem contato com cores, com uma TV em preto e branco. Ela se torna uma neurofisióloga muito respeitada e sabe tudo sobre as cores e mesmo seus efeitos em nosso cérebro. A questão é, ao sair do quarto, Mary sabe que o sol é amarelo, mas ela tem acrescida uma nova informação do mundo _ao ver_ o sol amarelo? Respondendo afirmativamente, Jackson se contrapõe ao fisicalismo, posicionando-se a favor dos qualia. Para Vicentini, tal argumentação está mais preocupada com uma crítica ao fisicalismo do que a conceituação dos qualia.

A abordagem de Daniel Dennett. Finalizaremos, por agora, com as pesquisas Dennett que apontam para uma aporia no tratamento dos qualia, pelo menos da forma como conceituados pela tradição. Lançando mão do experimento de pensamento dos qualia invertidos, originalmente proposto por Locke, seria impossível comparar a experiência subjetiva de duas pessoas ao ver uma cor. Não entraremos no detalhe dos experimentos, mas uma cirurgia poderia ser feita em uma pessoa e ela acordaria vendo o sol azul e a grama vermelha, porém não saberíamos se o que mudou foi algo no seu nervo ótico ou na memória das cores.

Então, concorde-se ou não com os qualia, esse é um importante conceito usado na filosofia da mente que nos ajuda pensar cada teoria a partir de seu tratamento.

* * *

(*) Análise de Vicentini, Max Rogério. _O problema dos qualia na filosofia da mente_. Dissertação de Mestrado: Campinas, SP, 1998.

[i] Em algum aspecto essa polarização pode remeter à fenomenologia de Husserl.

[ii] Embora predominante, o esquema empirista considerava que a mente era uma folha em branco que se servia da experiência para escrever conceitos no cérebro. Mariano nos mostra que o cérebro não é uma tábula rasa, e mesmo bebês já tem uma importante maquinaria conceitual. Porém, embora o cérebro consiga ligar as experiências de todo o aparelho sensorial, o experimento de Locke tem validade, pois a visão sem uso se degenera em um cego. Cf _A vida secreta da mente_, de Mariano Sigman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. P. 15.

[iii] E a consciência encarnada de Merleau-Ponty?

[iv] Para Vicentini, não fica claro como Nagel afirma que morcegos têm

consciência. Ainda mais que, considerando-se a subjetividade própria de cada um e que não se pode comprovar, Nagel se aproxima de uma visão solipsista, mas atribui consciência ao morcego. Muito embora, para Vicentini pareça anti-intuitivo negar que não a tenham, mesmo com argumentos comportamentalistas inconclusivos.

[v] E, adicionamos, um sentimento de tristeza ou de angústia? No sentido epifenomenalista, um sentimento que causa um choro é uma causação descendente do mental ao corporal?

Introdução ao epifenomenalismo - 09/03/2018

O epifenomenalismo é um termo que foi cunhado por William James, em 1890, significando que a mente é um fenômeno “superficial” [i]. A doutrina formula que estados mentais não possuem poderes causais, ou seja, a ação psicofísica é unidirecional: do corporal ao mental[ii]. Podemos utilizar duas metáforas[iii] para boa compreensão: o comportamento de uma sombra é dependente do comportamento da luz e do objeto em sua frente e ela também não pode causar alteração neles; e a fumaça produzida pela caldeira de uma locomotiva não é a causa dela se mover. Do mesmo modo, a mente seria um produto do cérebro/corpo, não tendo poderes causais sobre ele.

O conceito de mente que usamos aqui está próximo ao da consciência fenomênica (embora haja mente inconsciente) e ele se refere à experiência subjetiva, às qualidades fenomenológicas imediatas[iv] que englobam propriedades experienciais (vivenciais) das sensações, percepções, sentimentos, pensamentos, emoções e desejos. São os conhecidos *_qualia_*, as qualidades subjetivas. Embora não nos interesse aqui, Faria divide o epifenomenalismo de tipo forte, que não admite que qualquer tipo de estado mental cause alterações no plano físico, e o de tipo fraco, que admite que apenas os *_qualia_* causariam alterações no plano físico.

De acordo com Faria, o epifenomenalismo surge no fim do século XIX com os trabalhos do biólogo T. H. Huxley e do filósofo Shadworth Hodgson e tudo não passa de uma causação mecânica onde eventos físicos são processados desde o mundo externo passando pelos sentidos e provocando estímulos cerebrais que produzem sensação, consciência[v]. Então, Huxley propõe que um estado nervoso antecede o estado da consciência, ou seja, a partir de uma mudança molecular na estrutura cerebral aparece o estado de consciência como um símbolo dessa

mudança, a chamada molécula ideagênica.

Embora Faria advirta que há poucos pensadores, na atualidade, que defendem a tese epifenomenalista, por outro lado ele ressalta que é uma doutrina filosófica sedutora para quem rejeita o dualismo e compactua com alguma forma de fisicalismo, ou seja, para aqueles que pensam que a mente é irreduzível às bases físico-químicas cerebrais e também para aqueles que prezam o fechamento causal do mundo físico. Assim, evita-se a “mão dupla” do dualismo mantendo-se as conexões causais apenas no mundo físico e a mente seria inócua causalmente, uma excrescência, enfim, um epifenômeno. Como qualquer teoria, o epifenomenalismo terá de lidar com argumentos contrários, mas também se valerá de fortes indícios que os sustenta, mas esse aprofundamento requererá um novo texto.

* * *

[i] Osvaldo Pessoa Jr: *_Arquivos Lexicográficos_*. Atualizado em 24/04/2016.

[ii] Não podemos esquecer que o epifenomenalismo, diferente do materialismo, considera que há uma mente e não somente eventos físicos, químicos, mecânicos, etc. Ver: “Dá para desatar o nó do mundo?”, disponível em:
<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/03/da-para-desatar-o-no-do-mundo.html>.

[iii] A partir daqui, grande influência de Faria: *_Notas históricas sobre o epifenomenalismo_*.

[iv] Cf. *_Arquivos Lexicográficos_*.

[v] Conforme Huxley, T. H. *_Sobre a hipótese de que animais são autômatos_*.

Não estamos no comando - 02/03/2018

Daniel Wegner articula a tese de que a vontade consciente é um truque da mente[i]. Segundo ele, a mente é conhecida por pregar peças. Isso quer dizer que as nossas ações podem não ser *_causadas_* por nossa vontade e, que desse

jeito, a mente exerceria uma autoridade aparente. Apesar do espanto, já que quase todos nós cremos que a mente é uma força ativa, um “motor de vontade”, a vontade consciente, na verdade, não nos revela como nossas ações são causadas e, daí o truque: embora a mente não seja responsável por nossas ações ela “faz com que acreditemos” que sim, ela está no comando. O esquema abaixo ilustra a experiência da vontade consciente onde o caminho real mostrado pela seta amarela é inconsciente, ao passo que acreditamos haver um pensamento que leva a ação (seta roxa), quando eles seriam causados por eventos inconscientes (setas verdes).

[](<https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiY775w-tL2jjU05Af5NDp1t5nZVf6jsrqMkp476U5nhjuv0qHaewvTq8sMYinUUTzisSvDEhDJKJQ8MfMytq0fAfH0zzL01syRTg7XVaOWc43k1iZCsWQy5hW6GWij0Gfs5qe77od2044/s1600/minds+trick.png>)

Essa experiência consciente é formulada por Wegner como a Teoria da Causação Mental Aparente, que se vale dos princípios de: 1) prioridade \- quando um pensamento ocorre na consciência logo antes de uma ação, 2) consistência \- quando esse pensamento é consistente com a ação e 3) exclusividade - não há uma causa alternativa acompanhando a ação. Não entraremos nos detalhes desses princípios e de por que eles causariam uma vontade ilusória, mas, para Wegner, é a partir deles que nos imputamos a autoridade sobre nossas ações e experimentamos uma suposta vontade consciente.

O que nos interessa no artigo de Wegner, além da proposta de colocar em dúvida essa relação que seria indiscutível para quase todos nós, são dois tópicos que veremos a seguir. Porém, mostraremos antes, de posse da ilusão da vontade consciente causadora da ação, alguns estudos que, segundo Wegner, explicariam casos estranhos em que há um desencontro entre vontade consciente e ação. Focaremos nos estudos neurocientíficos, como os de Penfield, através dos quais pacientes conscientes sofriam estímulos elétricos no córtex cerebral que provocavam movimentos que eles diziam não terem feito, reduzindo a importância da vontade consciente como causa da ação[ii]. Além desse, destacamos os experimentos de Benjamin Libet que fornecem mais provas de que a vontade consciente pode ser uma experiência que não corresponde à causação. No movimento espontâneo e intencional dos dedos, Libet descobriu que um potencial de prontidão cerebral (PPC), gravado no couro cabeludo, precedeu o movimento em um mínimo de 550ms. Isso _apenas_ indica que algum tipo de atividade cerebral precede, de forma confiável, o início da ação voluntária. No entanto, ao recordar a posição de um relógio em sua consciência inicial de querer

movimentar o dedo, os participantes verificaram que ela se seguiu ao PPC por 350-400ms. Então, embora a intenção consciente precedesse o movimento dos dedos, ela ocorreu bem depois de qualquer evento cerebral que o PPC indicou.

[)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgIZhSQj3C9wknLUANJ5MM7xsNF8t9o8BfDMzg8-1NRK6LqqLxnv9UnG1KdTMij5B7CHbkrbVEUFVsto6GVcb16SNcsmX0kE0dYRUInpa_eLt9RkLOn1dpsZfMbmjrj6LnzoKQIrAhfckxY/s1600/Libet.png)

O primeiro ponto que gostaríamos de ressaltar é que Wegner usa os termos mente e cérebro indiscriminadamente: “you think of doing X and then do X – not because conscious thinking causes doing, but because **other mental processes** (that are not consciously perceived) cause both the thinking and the doing.” (p. 65, grifo nosso em processos mentais) e “This finding suggests that the experience of consciously willing an action begins **after brain events** that set the action into motion.” (p. 66, grifo nosso em eventos cerebrais). Isso fica ainda mais claro na legenda da figura 1: “and these unconscious mental events might also be linked to each other directly or through yet **other mental or brain processes**.” (p. 66, grifo nosso). Esse ponto é importante para uma teoria epifenomenalista da Filosofia da Mente, o que parece não ser a preocupação de Wegner, muito embora a desmistificação da vontade consciente já seja um passo importante. Mais ainda, Wegner cita “os processos causais atuais”, representados pela seta verde na primeira figura, que indicam que a vontade se origina de processos inconscientes e não refletem a percepção da consciência causando a ação. Inferimos que a consciência causa a ação sem saber do caminho real.

O segundo ponto é a referência que Wegner faz a Hume. A inferência, acima citada, seria causada pela nossa percepção de causalidade. Este sim, um argumento filosófico no sentido de que nos “acostumamos” com a percepção de causalidade que acompanha os eventos no mundo. Ou seja, primeiro vemos, recebemos um estímulo e depois aparece uma consciência. Esses dois pontos se referem tanto a uma suposta ordem de precedência entre cérebro e mente, no tempo, como que hierarquicamente a partir da superveniência de um sobre o outro, etc. Dados esses que podem nos dar subsídios para as pesquisas do Epifenomenalismo.

* * *

[i] Wegner DM. The mind's best trick: How we experience conscious will. Trends in Cognitive Science. 2003;7 :65-69. In:
https://scholar.harvard.edu/files/dwegner/files/minds_best_trick.pdf
(Fornecido pelo prof. Osvaldo Pessoa em junho/2016)
[ii] Esse ponto é importante para estudos futuros de Epifenomenalismo.

A deliberação humana* - 24/02/2018

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftn1)] Se a consciência é juiz incompetente em matéria de vontade, também a percepção exterior o é, pois se volta para fora. Então, não é de nossa vontade que se trata, mas da dos outros seres que se apresentam a nós. A energia cognitiva deve se concentrar no exame desse objeto exterior através da lei da causalidade, que nos é conhecida _a priori_, e versa sobre fenômenos que aparecem a partir de causas e efeitos com regressão infinita (efeito<=causa<=efeito<=causa... não se descobre o ponto inicial!). Para Schopenhauer, a forma geral de nossa inteligência é dada pelo princípio de causalidade kantiano, por ele recuperado como princípio de razão suficiente, e significa que, dada uma causa, há produção do efeito, _necessariamente_. Assim, todos os seres da experiência que nos são dados como objetos reais, divididos em inorgânicos, vegetais e animais, estão submetidos a esse princípio, nas seguintes formas motoras: 1) Causalidade, 2) Excitação e 3) Motivação.

A causalidade é caracterizada pelas segunda e terceira lei de Newton (identidade de ação e reação e intensidade do efeito proporcional à intensidade da causa) e governa as mutações mecânicas, físicas e químicas distintivas dos corpos inorgânicos. A excitação governa o desenvolvimento da vida vegetal e não segue as leis de Newton. Por isso, há um grau de excitação que ultrapassado produz resultado inverso. Por exemplo, a água faz a planta crescer, mas, em excesso, a faz morrer. Já a motivação é distintiva dos seres animais e supera as excitações, dado que as suas necessidades são mais complexas e seus movimentos dependem da escolha de diversos motivos. Essa é a vontade, representação da inteligência guiada por um objeto exterior. Ao passo

que a excitação se dá pelo contato imediato da causa excitadora (luz, por exemplo) com o efeito no objeto por intermédio da atmosfera, o intermediário da motivação é a inteligência e, independentemente de que distância um objeto esteja do sujeito, não se poderá prever a influência que será exercida sobre ele. Há a atividade de uma “força vital” nos vegetais, aparente, e a atividade de uma força natural nos animais, que se esconde no interior de cada consciência. Essa mola propulsora é caracterizada por Schopenhauer como a vontade, que conduz o nosso movimento e é comparada à _coisa em si_ de Kant.

Como os animais não passam da representação sensível, eles agem influenciados pelos objetos que lhe são _acessíveis em determinado momento_. Esse é o instinto animal, guiado sempre por um motivo mais forte que determina sua vontade. Já a inteligência humana é muito superior à de outros animais, pois, pelo poder de abstração da razão, combina palavras em conceitos universais pela faculdade do pensamento e forma representações não sensíveis através das quais pensa e reflete e agrega, para sua escolha, _objetos ausentes além dos objetos exteriores que a influenciam_. Na maioria das vezes, são esses pensamentos que orientam a ação e não o que se apresenta externamente naquele momento. Tal existência interior revela a _intencionalidade_ da ação humana, desconhecida dos animais. Mas a diferença não passa disso: o pensamento do homem se torna um novo motivo que pode, por força do intelecto, ser revisitado quando a vontade se encontra sob a causalidade oriunda da percepção exterior. Essa operação é a deliberação.

* * *

(*) Schopenhauer, Arthur. O Livre Arbítrio \- Col. Saraiva de Bolso. Considerações iniciais do capítulo terceiro (p. 51-63).

Corpos dóceis e rentáveis* - 08/02/2018

Seguindo o modelo emprestado da _Genealogia da Moral_, de Nietzsche[2], Foucault afirma que em toda sociedade há práticas e, ao se perguntar sobre o surgimento da prisão, nesse seminário e no próximo, analisará a prática de castigar. Já Nietzsche, lá, afirmava que bem e mal são valores transcendentais, são criações humanas que se estabelecem perante relações de poder. Essas relações de poder, para Foucault, estão associadas a um saber: há produções de

verdade em cenários de conflito e as práticas de castigo produzem verdade. Nesse estudo sobre as instituições penais, Foucault verificará que práticas jurídicas (saberes) produzem castigos (verdades). Relações de poder produzem saberes que retroalimentam o mesmo poder [dominante, estabelecido].

Aqui, Gustavo faz uma digressão, a saber, compara a equação de poder de Foucault com a teoria marxista. Em Marx, há um vínculo entre poder e saber, a conhecida ideologia. Porém, a ideologia, enquanto conjunto de falsas representações do mundo porque se orientando pelos interesses de quem manda, está associada aos donos dos meios de produção. Ou seja, o poder é “um algo” que deve ser tomado[3]. Mesmo Althusser, mestre de Foucault, referia o poder aos donos da produção. Já em Foucault, o poder não é só criação dos poderosos, mas depende dos dominados. O poder não está somente de um lado, mas em uma relação de forças e é nesse cenário de conflito que surge um saber. Essas relações de forças não são fixas, estáveis, senão que há um movimento, tensão constante e um novo saber modifica a relação de poder. Vejamos um exemplo prático das estratégias de poder. No início do capitalismo industrial, os donos dos meios de produção criaram uma “caixinha” financeira que serviria de provento para os momentos de crise e que pudesse manter os empregados vinculados ao patrão, enquanto a situação não melhorasse. Porém, como a crise não veio, os empregados passam a pedir demissão de seu emprego atual em busca de novas posições, já que conseguiam se sustentar por algum tempo com a renda proveniente dessa caixinha. Ou seja, uma ideia para dominar promove uma possibilidade de ascensão e a prática se expande. Por fim, esse novo saber gera uma retaliação do poder: fica proibido o resgate dessa caixinha em casos de demissão.

No caso do nascimento da prisão, Foucault se pergunta quais eram as forças em luta para criar o conceito de uma sociedade disciplinária, que teria surgido no século XIX, a partir dos saberes emergentes das ciências humanas: psicologia, sociologia, etc. Ao fazer a genealogia das formas jurídicas para a resolução de conflitos, Foucault identifica a medida, o inquérito e o exame. A forma da medida é a da resolução de conflitos no mundo grego, onde ou se jura pelos deuses ou se enfrenta o oponente a partir de um desafio, em busca da verdade no litígio. A segunda forma, da investigação, é uma técnica que, apesar de oriunda da tragédia de Édipo Rei[4], toma lugar no início da renascença, a partir dos saberes empíricos empregados pelas ciências da natureza. É o método da observação e descrição de Bacon, Newton, usado na prática jurídica para colher o depoimento das testemunhas do litígio, quem viu o ocorrido, como pode ser provado, etc. A terceira forma jurídica de descobrir a verdade é o exame, que é característico da sociedade disciplinária, panóptica. Ela se orienta por uma norma, determinada regra de conduta que deve ser seguida.

Definamos Disciplina: conjunto de técnicas e procedimentos para produzir _corpos economicamente rentáveis e politicamente dóceis_. A Disciplina é usada por Foucault para mostrar como se controla a população de maneira individual (microfísica) ao passo que depois será usado o termo Biopolítica para tratar do controle geral. Na Disciplina, o poder invade o mais íntimo do ser e chega ao mais corporal possível. Novamente relacionando com o marxismo, verifica-se que a doutrina foca no aparato de estado e não vê ao nível de corpos. A sociedade disciplinária surge para fazer os corpos cumprirem sua função de produzir e tem por objetivo a normalização dos corpos. Nesse contexto do século XIX, anormal é aquele corpo que não é economicamente produtivo ou aquele corpo que não é politicamente dócil[5]. A sociedade disciplinária precisava dos conhecimentos humanos para normalizar, mas, ao fazê-lo, produz o anormal.

O conhecimento humano, a sociologia, cria um saber para dominar. Durkheim estuda o suicídio: por que tantos? Corpos não se adaptam, é preciso enquadrá-los, restabelecer o equilíbrio. Mas se as ciências humanas são saberes da sociedade disciplinária, ainda assim há uma filosofia social como a de Marx, que reage a essa sociedade. E a saída pode ser a revolução...

* * *

(*) Conforme informações fornecidas pelo Prof. Dr. Gustavo Adolfo Romero, em: "81565 - Michel Foucault, filósofo de la verdad. Un estudio de sus cursos en el Collège de France". 1º Summer School da FFLCH: Janeiro/2018.

[2] Segundo informação fornecida pelo prof. Gustavo, Nietzsche tinha teses brilhantes, porém lhe faltavam fontes históricas. Isso porque, como se sabe, a doença de Nietzsche fazia com que ele se deslocasse constantemente e tivesse pouco acesso aos livros. Apesar da _Genealogia da Moral_ ser um tratado sistemático, segundo Gustavo, Foucault, frequentador da Biblioteca Nacional da França, pode realizar seus estudos de maneira muito mais embasada.

[3] Vemos essa mesma concepção de poder em Espinosa, o poder como uma força com propriedade ontológica.

[4] Édipo busca com tanto empenho a verdade que não a suporta.

[5] O Anormal: o hermafrodita, os siameses são problemas para a ordem judicial e trazem questões legais. Quem decide a sexualidade dx hermafrodita? Um siamês

que matou alguém, como prendê-lo sozinho, sem o outro?

Terra Brasilis - a vida como ela é - 30/01/2018

Vamos a alguns dos fatos recentes em terras tupiniquins: a ex-futura ministra do trabalho e seu vídeo-selfie se perpetuando pelo noticiário e mídias sociais mostram que há uma confusão entre o público e o privado, a ponto de seu pai repreendê-la em público, nobre político de estirpe duvidosa. O jogo profano entre SS (sim aquele do baú da felicidade que quer encobrir o teatro-resistência da Bela Vista) e o nosso querido presidente-usurpador revela que tipo de moral já pode ser apresentado na TV, sem cortes. Um juiz que quer o auxílio-moradia-palaciana dobrado não deixa dúvidas de que a luta de classes é para valer e acentua o quão as atribuições do poder jurídico-justiceiro estão deliberadas e descaradas (sim, bem-vindo ao lawfare-state). Por fim, Lula, símbolo de uma geração pura e sonhadora, mas que acordou maniqueísta e agora se digladia, condenado por uma elite que condena um projeto de ascensão social. O gigante não acordou, ele tem pesadelos.

Tristes fatos: haja psicologia e Rivotril para dormir. Mas há motivo para espanto? Desde os primórdios, o homem social inventa valores e os distorce ao seu bel prazer e fortuna. Muito embora tendamos a nos assombrar com essas artimanhas despudoradas que nos bombardeia incansavelmente esse ano de 2018, tão novo e já tão tinto, isso só apresenta a nossa verdadeira face (ou seria cara de pau?). E é bom que seja assim, nada de maquiagens e retoques, que venha a realidade nua e crua. Tristes fatos? Muito mais do que isso, fatos irritantes que nos fazem perder a calma e de antemão nos alertam para o que nos espera. E que ano, hein? Precoce, mas que promete: copa do mundo, eleições... Verdade seja dita: se sobrevivermos, teremos uma longa história para contar. E não sobreviveremos a estes tristes fatos para dizer lá na frente: "estamos livres!". Aqui, em terra brasilis, nunca estaremos livres.

A vida como ela é, em terra brasilis, manda recado: não veio para brincadeira. Essa miscigenação, essa diversidade esconde muita ruindade por trás desse povo alegre. Se já é chegada a hora de pular e cantar, nas vésperas do carnaval, de onde vamos puxar energia e alegria para o embalo? Tudo bem, retiremos temporariamente a poeira desses tristes fatos para que o último suspiro seja dado. Depois disso, não haverá arrego. A imprevisibilidade do que virá traz uma sombria sobriedade previsível. Tudo muito meticuloso, as víboras estão rastejando e se refestelando soberbas. O riso amarelo fabricado mostra a vida

como ela é em terra brasilis. Indica que rir é para os bons, os que foram selecionados. Mas se eles riem, nós, o resto, gentalha, não fazemos muito. Vivemos na base do “tapinha nas costas”, a marca falsa de uma irresistível vontade de se resguardar, e que anuncia que eu estou aqui e você aí e que você fique aí que eu fico aqui.

Uma história de exclusão na filosofia* - 21/01/2018

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftn1)]Foucault vai tratar de uma história de exclusão na filosofia que teria começado com Aristóteles. Antes dele, Platão discutiu com os sofistas, que seriam aqueles homens que se utilizariam da retórica e da persuasão para exercer o poder. Para Platão, que considerava que o discurso em sua essência deveria ser verdadeiro, o sofista seria um simulador e seu discurso não trataria da verdade, seria mera aparência, falsidade. Foucault considera Aristóteles o fundador da filosofia, já que ele teria sistematizado esse tipo de conhecimento como sendo um modo de organizar o discurso. Se Platão teria discutido com os sofistas, Aristóteles teria tratado do sofisma, mostrando o que eles seriam e como se produziriam. Se, para Platão, o discurso do sofista seria um discurso falso que pareceria verdadeiro, para Aristóteles o sofisma não seria um discurso racional e seria rechaçado. Para Foucault, a filosofia aristotélica seria um discurso racional e argumentado, o discurso do Logos, ao passo que o sofisma seria, de acordo com Aristóteles, a dedução de uma conclusão de maneira incorreta. Haveria afirmações verdadeiras e falsas e os sofismas, que estariam excluídos do discurso filosófico.

Entretanto, Foucault vai se colocar do lado dos sofistas, tratando o discurso como um exercício das palavras e usado nas relações de poder. Se, em sua visão, na análise do discurso por Aristóteles ele consideraria o sofista como quem utilizaria a palavra de maneira ambígua, Foucault argumenta que o sofisma é um jogo de palavras, mas com estratégia política. De acordo com Foucault, para Aristóteles, o discurso seria da verdade e independente da política. Foucault considera que Aristóteles teria criado uma ordem de discurso excluindo outros que pudessem estabelecer um confronto. Tal ordem de discurso como conhecimento da verdade teria perdurado até Hegel e, a partir de Nietzsche, seria possível sair dessa lógica. A filosofia de Nietzsche permitiria ampliar os limites da própria filosofia.

Foucault mostra que a Metafísica começa com o seguinte enunciado: “Todos os homens desejam por natureza saber”. Enunciado universal (Todos) e restrito aos seres humanos. Enunciado que vincularia desejo e saber incitando um prazer ao se contemplar a natureza. O conhecimento da verdade passaria pelas sensações corpóreas provocando seu acúmulo na memória. Então, pela experiência, os homens usariam esse conhecimento empírico armazenado na memória para, através de um ato de razão, não repetir os mesmos erros e mudar a sua ação. O quarto e último estágio seria o conhecimento da verdade, acessível somente àqueles com mais saber. Tal conhecimento é a ciência filosófica, desejo de saber independente da utilidade. A filosofia seria uma ciência inútil, mas de máxima virtude, que nos leva do prazer corporal em direção à felicidade: a _eudaimonia_.

Para Foucault, esse desejo de conhecer a verdade exclui outros discursos, como o desejo de saber utilitário do sofista. Para ele, não se separa verdade e poder, e o próprio poder fabrica a verdade. Foucault se vale de Nietzsche para argumentar que não há verdades puras, as verdades são fabricadas por batalhas. De fato, a primeira batalha pelo poder teria se dado entre Platão e os sofistas e, se Aristóteles fabricou a verdade filosófica, ela se manteve ao longo de lutas através do tempo. Foucault usa o modelo nietzschiano para fazer estudos históricos, como as relações de poder se dão nas práticas sociais. Como fez Nietzsche na genealogia da moral, Foucault fará uma genealogia das relações de poder dentro de uma ordem de discurso, para verificar o que é considerado verdade, falsidade ou mesmo o que está fora dessa ordem em dada sociedade e momento histórico. A investigação sobre o discurso mostrará os modos em que os discursos se organizam e são controlados em toda a sociedade e os procedimentos para proibir ou rejeitar determinados tipos de discursos.

* * *

(*) Conforme informações fornecidas pelo Prof. Dr. Gustavo Adolfo Romero, em: “81565 - Michel Foucault, filósofo de la verdad. Un estudio de sus cursos en el Collège de France”. 1º Summer School da FFLCH: Janeiro/2018.

Que se entende por consciência* - 11/01/2018

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=7718081438042230655#_ftn1)Schopenhauer

trata do conceito de consciência no âmbito das faculdades cognoscíveis, sob três aspectos.

Percepção exterior. A maior parte da nossa faculdade cognoscível é composta da percepção exterior que se volta para fora de nós em busca dos objetos do mundo e da experiência. De fato, não é parte da consciência e é responsável pelas condições de possibilidade do conhecimento dos objetos nas formas de tempo, espaço e causalidade.

Consciência psicológica. Essa é de fato a percepção imediata do eu, o pouco que sobra de nossa faculdade de conhecer e se opõe à percepção exterior.

Consciência moral. Há um conjunto de instintos morais que nos vêm, seja de forma inata ou pela experiência e reflexão, que Schopenhauer chama de razão prática (a kantiana) e que não se confunde com a consciência propriamente dita.

Dado que a consciência não é algo vultoso, é a partir dela que se demonstraria o ****livre-arbítrio****. De pequena, seu conteúdo é a vontade pessoal. Vontade que gera atos, mas que se manifesta nas formas do desejo, amor, cólera, etc., prazer e dor e que chega até às impressões corpóreas. Ou seja, é pela vontade, seu objeto único, que uma consciência chega ao mundo exterior, via sensibilidade, conhecendo os objetos dados à percepção, domínio que já não pertence mais a ela.

Schopenhauer argumenta que não há dúvidas de que nossa vontade está voltada fora, caso contrário, “o homem não conservaria mais senão uma vontade completamente isolada do mundo exterior, ficando como que emparedado no sombrio interior da consciência individual” (p. 35). A pergunta que ele nos deixa é se essa consciência poderia encontrar em si, somente, os impulsos que permitiriam afirmar a liberdade dessa vontade, dado que os objetos determinam os atos de vontade em algum grau de necessidade? Haveria um impulso exclusivo da consciência que poria em marcha a vontade livre?

* * *

(*) Segunda definição do capítulo primeiro. Em: Schopenhauer, Arthur. O Livre

Da definição de liberdade no Livre-arbítrio* - 06/01/2018

Schopenhauer trata das definições de liberdade e consciência no primeiro capítulo do pequeno Livre-arbítrio, título-problema por ele classificado como capital na filosofia moderna. Aqui verificaremos o conceito de liberdade que para ele seria negativo por se referir à ausência de obstáculo, esse sim, positivo. Sem obstáculo, se é livre.

[)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhvZ0pdLjtp8iPzln4YLFqOVjv08XWZPlrkuZz5xOPHbFtY-3zlWUyOTNtthw-XepMzONf0rqYRjHj1vaZbIOkFD0x_Zuf8OgVwC8PtyBsXLprW2BSf1k31W4pT-J5rRUCtbo8jIj96R8/s1600/Liberdade.gif)

Viés popular. Para Schopenhauer, na visão popular, o conceito de liberdade está associado à liberdade física: sendo livre, atos de vontade comandam o movimento, porém pode haver obstáculos materiais que impeçam a vontade. Essa visão de liberdade é por ele classificada como potência de agir, quando não há obstáculos que impeçam a ação. Como alguns dos exemplos mostrados têm-se o rio que corre livre ou os animais que erram livremente na natureza. Schopenhauer ainda cita a liberdade política dentro desse viés, mencionando que um povo é livre quando governado pelas leis que ele próprio formulou.

Viés filosófico. Já na visão filosófica, o conceito de liberdade está associado à liberdade moral: a vontade ainda seria livre ou haveria "motivos fortuitos" que impediriam a ação? Essa visão de liberdade é por ele classificada como potência de querer, o ****livre-arbítrio****. Como um exemplo é mostrado o caso do amor à vida que todos temos, mas que pode ser acometido por um motivo suicida. Embora o motivo não tenha força física e não seja um constrangimento objetivo, ele pode ter influência subjetiva, em alguns casos, suprimindo a liberdade.

* * * * *

Até aqui tudo bem. Mas, seria a vontade _em si mesma_ livre? Pela acepção popular, segundo nosso filósofo, sim, remetendo à potência de agir. E o querer, é livre? Pela acepção popular, livre é conforme a vontade. Ou seja, eu sou livre desde que eu faça o que quero. Mas o querer é moral!!! Schopenhauer desloca o tema do campo popular para o campo filosófico.

Então, quero algo. Mas podes querer o que queres?

[!](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiWv_Ldk01gPgLB54ChgdGxwqJYKTegrwVNsOctd5pDCZfiHCbquOXg4yme6xzIqzV-V0zGzoD9fUu1IrKa2dBhIbtqxYFgTB0IYSilkLmWmlBaoLCn1VaoHJnkSDLOLFYEfmCai84Zs/s200/1.PNG)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiWv_Ldk01gPgLB54ChgdGxwqJYKTegrwVNsOctd5pDCZfiHCbquOXg4yme6xzIqzV-V0zGzoD9fUu1IrKa2dBhIbtqxYFgTB0IYSilkLmWmlBaoLCn1VaoHJnkSDLOLFYEfmCai84Zs/s1600/1.PNG)

Haveria sempre um querer anterior ao querer e assim sucessivamente... Ou então, simplesmente podes querer?

[!](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEih-Oxa0NqrCUq15ixgkEzwCH_HuRru7BypMPRgQFrK6ztQwn-hwCW8GY5YlHrrBRLstA7mod4trlhUZ7ZSKukm_cjYcMYWdB3wUguf_YhelU8dRefdvEC9QoLrLxhyV6pHfGt09IENGks/s1600/2.PNG)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEih-Oxa0NqrCUq15ixgkEzwCH_HuRru7BypMPRgQFrK6ztQwn-hwCW8GY5YlHrrBRLstA7mod4trlhUZ7ZSKukm_cjYcMYWdB3wUguf_YhelU8dRefdvEC9QoLrLxhyV6pHfGt09IENGks/s1600/2.PNG)

Só um querer em si, sem sucessão? No campo moral (filosófico, que não se relaciona com a liberdade física), não se sabe e a questão do **livre-arbítrio** fica em aberto. Não é respondendo se posso querer ou não que se resolve o problema do **livre-arbítrio**, mas o que se ganha é que estamos agora no campo do querer e a investigação continua.

* * * * *

Então, recuperando a noção de liberdade negativa, Schopenhauer acrescenta que ela é ausência de força necessitante.

Conceito de necessidade. Para Schopenhauer, na visão vulgar, o conceito de necessidade versa que o necessário é aquilo cujo contrário é impossível ou o que não pode ser de modo diverso. Porém, para ele, o necessário resulta de dada razão suficiente[1]. E a contingência é a não necessidade, ausência de

uma razão suficiente determinada.

[)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEih0WPWiatoPcDCD4HSjYu14Ffl3QBtn629Ga_P2yaAq4LDEM7mC-BdHqlcS4uzW3WMguf5w1ZWQgjL2Iqk06hWRhcgC-W3L5RZWjN9UwuNumcVFiHjc-gMVSRX_L5TuBBNHHndORK43b0/s1600/3.PNG)

Posto isso, liberdade é independência de causa e livre o que não é necessário. Transferindo para o humano, uma vontade individual livre é aquela que não é determinada por razões de qualquer espécie, senão atos seriam constrangidos por necessidade. Para Schopenhauer, Kant diz que liberdade é começar por si[2], ou seja, sem causa, sem necessidade. Tal liberdade ou vontade livre, não determinada por nada, põe de lado o princípio de razão suficiente indicando que não há razão para a vontade e conduzindo a uma _liberdade de indiferença_, conduzindo ao ****livre-arbítrio****. Nessas condições, diante da liberdade de indiferença, o homem pode agir de duas formas diametralmente opostas.

* * *

(*) Schopenhauer, Arthur. O Livre Arbítrio - Col. Saraiva de Bolso.

[1] O “princípio de razão suficiente” é uma criação de Schopenhauer e foi tratado primeiramente em sua tese de doutorado. Aqui, o “princípio de razão suficiente” ou “consequência de razão” aparece como sinônimo de necessidade. Há uma razão suficiente para uma necessidade lógica (conclusão de um silogismo, dadas as premissas), matemática (igualdade dos ângulos de um triângulo quando ângulos são idênticos) ou real (efeito resultado da causa).

[2] Ver “A terceira antinomia da razão pura estudada pela Dialética Transcendental”, em <<http://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2016/06/um-caminho-para-liberdade-em-kant.html>>.

The Cloud - 19/12/2018

We are living in the “big data” era. The popularization of the smart phones and other smart devices enabled plenty of applications that collect data and send to the cloud. More than that, the evolution of microprocessors and low price of storage contributed to support the growth of those applications. In the digital era an entity called “The Cloud” (from now TC) comes up residing somewhere and doing “magic” things like to control so many aspects of our life.

Over this technological apparatus, we can exchange all kind of information in many formats like text, image, voice, video and so on and so forth. Everything we share feeds TC that then knows about us and the world more and more. TC is our best friend today because it gives us many advises and alerts that we need to take care and that suggests what to do. Eating everything that is "on the air", this entity is the fattiest and smartest one, even able to retire god. With the big data of all of us, TC always tells us where to go and how to go. It knows our personal behavior even more than us, in some cases.

However, this entity has one problem: it relies on our information but often we don't produce reliable information. We took centuries to create God and to deal with His skills and weaknesses. Now we are creating another god that needs to learn a lot, otherwise it will dead. So, while TC can't send us only trustworthy information we need to doubt his advises and confirm them carefully. Otherwise we can, e.g., elect one person for president based on fake news. We have much more to say about TC in our next thoughts, but one question that remains to start is: in a near future, would TC be able to substitute God?

Uniqueness of consciousness[i] - 26/09/2018

John Searle refutes both dualism and materialism to bring biological naturalism where mind, as a biological phenomenon, is part of the nature. He says, both, dualism and materialism have true and false arguments so he focus on what he considers true. He preserves the two main ways: everything is physical and a part of it is mental.

The biological naturalism follows the steps:

1. We cannot deny that consciousness exists. Materialism says consciousness is an illusion but when one thinks in consciousness he knows he is conscious. Therefore, consciousness is real and it even can be irreducible.
2. We don't know all the events that happen in our brain yet; either our vision or why we feel pain. However, we can track our vision processes in the brain and find out the nervous that can cause a vision. Similarly, the consciousness can be a process that is caused somewhere in the neurons such as the function of the "high level brain system"[ii].

John Searle uses the digestion analogy to explain consciousness: the same way we say that digestion is a physical process in the stomach; consciousness is a process that occurs in the brain. So, in a near future, with a better understanding of the brain we can understand the consciousness as well[iii].

The analogy quoted also shows they are different in one aspect: the digestion is ontological reducible to the stomach but the consciousness is not ontological reducible to the brain. Ontological means one thing for the stomach, so digestion is ontological reducible but consciousness is not reducible to the brain, because there is our subjective experience as well. We have a causal reduction but not an ontological reduction.

John Searle concludes saying consciousness is special: it can be causally reduced to a neuron but not ontological because it is "another thing" (my quote). This is a materialism point of view, but kind of different because biological naturalism demonstrates the uniqueness of the consciousness. We don't say it is not physical; we say it is physical with an ontological property.

* * *

[i] Digestion of "John Searle - Can Brain Explain Mind?":
<<https://youtu.be/ehdZAY0Zr6A?t=17>>

[ii] John Searle also argues in favor of the mental causation. For him, it is clear that we have behaviors produced by intentions, for example, when we think in a thing we say that thing.

[iii] This way the consciousness discussion would change from a metaphysical

to a scientific debate.

are you conscious?* - 05/09/2018

Does existence mean consciousness? If so, what to say about who consider the consciousness an illusion? For Chalmers, the consciousness is the thing _we better know directly_. Chalmers, following Descartes that doubted about everything in the world but didn't doubt his thoughts, quoted: "I am conscious therefore I am". No matter if consciousness emerges from the brain, that's a second question. No matter whether the others are conscious, the most important and what we cannot deny is that we are conscious.

To support his arguments Chalmers works with two important concepts in Philosophy of Mind. The first one is the zombies. A zombie can act as we act or can answer us as we answer, however they are not conscious but we are and we know they aren't. We know our world hasn't only zombies without consciousness, it has humans and humans are conscious. The second is the qualia. Chalmers explains that the sound of music or a color or a taste, all are the quality of our experience, that is, the qualia. We can say our feeling of eating banana to the ones that have never eaten banana – they only would know when they eat banana.

He concludes saying that the consciousness is more than physical processes in the brain. We could know everything about the brain but we wouldn't know the consciousness. Using another well known argument, he describes the easy problem as the explanation and description of our behavior and the mechanism used by our brain during the experience (this is really complex!!!) and the hard problem as the explanation of why a conscious experience follows these chemical-physical processes. Why do we have this movie into our brain? That question will not be solved by neuroscientists because they only can explain objective things... and we have consciousness!

* * *

* Some points of "Why is consciousness so mysterious?":

<https://youtu.be/NK1Yo6VbRoo?t=5>

Thinking, fast and slow[i] - 28/05/2018

Basically we have 6 big ideas that can help us live better. [](https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_edn1)

Big idea 1 is to realize that we have 2 ways of thinking: system 1, fast and automatic and system 2, slow and logical. Sometimes we should choose one or the other but we need to avoid swapping them.

Big idea 2 is the anchoring. Sometimes we need to figure out an anchor, a reference to lead us to make a decision. Also we should avoid anchors that are not real and this can help us to best guess.

Big idea 3 is the science of availability. We need to pay attention to the possibility of something happen to us or not and avoid suffering about something that has no chance at all to happen. This means we need to avoid seeing the mainstream media.

Big idea 4 is about loss aversion. In a situation we need to choose between things that will be good in a way and negative in another, we should argue using the negative way to convince the other person. You would prefer to make a decision avoiding something negative.

Big idea 5 is the framing. The way we see a picture can change our conclusion. We can see the same picture in different angles and this can result in different effects. Therefore, try to see at least twice!

Finally, the big idea 6 is sunk cost fallacy. We should avoid base our current decision in one thing we did in the past, it doesn't matter if we are going to lose money.

So, these big ideas are ideas to guide our life and must be used to live better and to make the best choices.

* * *

[i] KAHNEMAN, D. THINKING, FAST AND SLOW:

<https://youtu.be/uqXVAo7dVRU?t=2>

Technology to study the brain[i] - 30/04/2018

The brain is a complex and sophisticated organ made by a lot of layers and billions of cells that is able to study itself. It is not simple, but today, scientists have three main ways to investigate a live brain safely, which is, not being harmful to someone and thus they try to relate our behavior with brain areas.

The first method is electroencephalography (EGG), which was invented 100 years ago and it measures electrical waves that happen when the brain cells communicate with each other. It provides us information to identify precisely when electric signals occur during activities like learning or paying attention and registering them in just milliseconds and from that we can extract patterns to study diseases such as epilepsy.

fMRI (functional magnetic resonant images), the second way to analyze how the brains work, is a technique to measure how quickly oxygen is consumed by brain cells showing which regions are involved during a cognitive or behavior activity. With these images we can determine where exactly some activities take place in our brain, even though there are hundreds of them occurring. So, neuroscientists can combine these two types of monitors to know when and where a neuro activity is occurring to better understand the brain function in a total.

The third and even more accurate is PET, the positron emission tomography, a completely safe way too. Using PET, doctors inject a radio element into the blood that allows the observation of some drugs behavior acting in our brain.

The tracer can bind to some specific molecules and follow the treatment of diseases like Alzheimer.

With these three techniques working together researches can discover many things. For example, they can study our memory comparing the results of a game played by a number of people monitored during the activities. However, in a near future more techniques will come bringing more image and elements that will allow us connect the brain regions and the association of many other processes in execution simultaneously or even isolate individual nerves to understand better and better this complex system.

* * *

[i] TED education: <<https://youtu.be/B10pc0Kizsc?t=1>>

Does the submarine swim?* - 20/03/2018

Let's see what Noam Chomsky said about one concern in Philosophy of Mind today: whether our actions are somehow unconscious or not. Of course, this idea evolves defining consciousness as well. Also, a little bit about AI and robotics come together.

Answering the question if our mind can be emulated using silicon, Chomsky quoted that the mind is just an organized matter, that is, our brain is a physical system. However, there are some researchers studying if the voluntary actions are sometimes preceded by a preconscious brain's activity that can reach the consciousness or not. Thus, probably we don't have a right access to our introspection as we believe. Following this argument, Chomsky also argued that the task of investigating our preconscious decision is a problem that is harder than the investigation of the consciousness itself.

On the other hand, artificial intelligence (AI), meaning the way cognitive system works, investigates how the things are going on when we decide to do this or that and it can contribute to this debate. But, will the robots be conscious in the future? Firstly, how we know what the consciousness is and how it works? For Chomsky, asking if the machines think is the same as asking if submarines can swim. It is a logical question. The serious version of the Turing test is to be applied on real scenarios, for example, to know if a mathematical proof is correct or not.

So, by the Chomsky analysis we can realize that his vision is near of Physicalism although he didn't give us much information in this short video. Moreover, the consciousness is not a mystery for him which indicates the irrelevance of this investigation and empathizing the more realistic cases.

* * *

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_ednref1)*
Chomsky short speech: <https://youtu.be/0ORHGavQp0?t=3>

Unconscious Cerebellum[i] - 17/03/2018

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_edn1)

Massimini said that in HBP[ii] they have a lot of information, data and good people on the matters of consciousness, neurons, skull, etc., that need to be put together. He compares our time with the time before Darwin joined the things in the theory of evolution. Thus, even more effort in mining what they have than in collecting new data.

One very interesting thing he said is about the cerebellum[a] and its disassociation with consciousness. With 80 billion neurons, cerebellum does his job unconsciously. Despite of the fact that it does wonderful tasks related to our motor coordination, what is missing in its architecture that can explain it is like a zombie? On the other hand, thalamocortical[b] system is central to consciousness. So, they should be able to compare both of them

in their experiments and try to find the answer.

This mystery is a very short problem that HBP has in hands and can that can be investigate deeper in its researches involving neurobiology, neuromorphic, robotics and philosophy. Mixing all these things can put us in the Darwin road shortly.

[a]cerebellum[iii]: it performs everyday voluntary tasks such as walking and writing. It is also essential to being able to stay balanced and upright.

[!](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiTfSqJ0RykIleSh00IK65E8rmIZM2ZuuofKu3lSZcP822V8wrFMlla_u-286IaOCHAdJlrzqsD7i72OxMxBjbm1jwSL0F4itIfjL-wwuP7hc-zKX8X10r_8FMENlwkZtZ516niAWoKgU/s1600/cerebellum.jpg)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEiTfSqJ0RykIleSh00IK65E8rmIZM2ZuuofKu3lSZcP822V8wrFMlla_u-286IaOCHAdJlrzqsD7i72OxMxBjbm1jwSL0F4itIfjL-wwuP7hc-zKX8X10r_8FMENlwkZtZ516niAWoKgU/s1600/cerebellum.jpg)

[b]thalamocortical[iv]: the thalamocortical system constitutes the vast majority of the mammalian brain and has been the subject of extensive neurobiological and computational study. The thalamus and the neocortex are reciprocally connected via pathways of varying levels of topography.

Thalamus[v]: responsible for relaying information from the sensory receptors to proper areas of the brain where it can be processed.

[!](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgrQEdI8tMEnClpw9Knw0KmDKliL5ng7OQvU30A-IRkHFPQoVs2RHZ0mt_T6GwcBSf-pr4KQRvN1cjUWGRh9QsvrVJcMk0nMn-P4vEfm7FIt67wVPL5osFA_6Qt0f7aZSiZs82fR6tuljw/s1600/thalamus.jpg)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEgrQEdI8tMEnClpw9Knw0KmDKliL5ng7OQvU30A-IRkHFPQoVs2RHZ0mt_T6GwcBSf-pr4KQRvN1cjUWGRh9QsvrVJcMk0nMn-P4vEfm7FIt67wVPL5osFA_6Qt0f7aZSiZs82fR6tuljw/s1600/thalamus.jpg)

Cortex[vi]: Responsible for thinking and processing information from the five senses.

[)](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEh8EaBlwar5_twJq4MxcCHK2pVOZVKsdW8AcsB_iVSfiQMpbwybHbjuhaOxvuEWa5l0mY7xHXuBiTHH2-CQY5KUErU2elQ9p05AzGRVDoi1c0fqwLw87KERJF3YqfmXsQc5J8YP75lYO7c/s1600/cortex.png)

* * *

[i] Very brief of <https://www.humanbrainproject.eu/en/follow-hbp/news/the-quest-for-consciousness/>

[ii] The Human Brain Project is a H2020 FET Flagship Project which strives to accelerate the fields of neuroscience, computing and brain-related medicine.

[iii] In:
<http://brainmadesimple.com/cerebellum.html>

[iv] In:
<http://www.scholarpedia.org/article/Models_of_thalamocortical_system>

[v] In: <<http://brainmadesimple.com/thalamus.html>>

[vi] In: <<http://brainmadesimple.com/cortex-and-lobes-of-the-brain.html>>

Few words about Stoicism* - 24/02/2018

[](https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_ftn1)

According to TED, Stoicism was created by Zeno of Cyprus (sic) a long time ago

in Greek and the doctrine was based on virtue, tolerance and self-control (Citium). Today, Stoicism is colloquially associated with a person that is able to become calm under pressure or to avoid emotional extremes.

Originally, more than just an attitude, Stoicism provided a conception of the Universe called Logos, where everything operated as a web of cause and effects. In other words, the Logos was a rational structure of the Universe. If the world operates this way, so we don't have control over the events but we need to know how to approach them.

Instead of thinking in an ideal world, we need to face the world as it is supported by the cardinal virtues: wisdom, temperance, justice and courage that are responsible for our self-improvement. According to Seneca, "Sometimes, even to live is an act of courage". However, the personal improvement is not self-centred, but is a way to change the others.

Marcus Aurelius, whose some works influenced Nelson Mandela many centuries later, also practiced Stoicism to deal with wars in his time. Mandela, after released for a long time in jail, preached peace and reconciliation, because the injustice of the past couldn't be changed.

Epictetus, another exponent of Stoicism said: "We suffer not from the events in our lives but from our judgment about them". This saying indicates that we need to change the way we see the things in our life and have inspired some modern psychologies like self-help movements and logo therapy. With this teaching probably one can fill his life with meaning, even in bad situations.

* * *

(*) A digest of Stoicism that can be find here:

<https://www.youtube.com/watch?v=R9OCA6UFE-0&t=89s>.

Stoicism or Epicureanism - In which side are you* - 21/02/2018

[https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_ftn1]

Regardless of the fact that they can be considered dogmatic philosophies and have things in common, like materiality of the soul, the objective here is to check the differences between Stoicism and Epicureanism, the last one considered a non-Socratic school. The main goal in this task is to understand the nature of “the good”: while for Stoicism virtue is the good, for Epicureanism pleasure is the good (and the pain is bad). It is important say that the comparison is done by the stoic point of view, the Epictetus' Criticisms of Epicureanism.

Epictetus complains that Epicureans didn't understand the pleasure of the soul, in other words, they didn't understand that the mental pleasure is better than the physical one (on the edge, the pleasure of the mind comes from the pleasure of the body...). Even though, for the Epicureanism, reading a book is better than drugs and sex, they consider that the pleasure is the absence of pain. Epictetus believes that Epicurus didn't understand the relation between pleasure and good. If for Epicureanism the good is pleasure and pleasant is a useful thing, Stoicism says that good is more than that. A stoic philosophy quotes that doing virtue things is good _so_ we have pleasure, that is, firstly by existing good and then the pleasure come: things are not good because we felling pleasure.

Let's see the two last points Sadler quoted about Epictetus's critic. First one, he said Epicureans believes that we receive measures and standards from the nature to discover the true. This means that taking pleasure or pain can lead us to learn how human beings work and our relation to the reality aiming avoid pain. However Epictetus says they didn't going far enough to figure out other principles (God?) to guide our life.

Last but not least, it is assumed that Epicureans do political and social actions as much as possible. For example, if you can avoid get married and have kids to preserve your own pleasure you should do so, but if we not reproduce, no more humans! More than that, we have an _inclination_ to love and take care of others and live together making the society continues. Finally, Epictetus says Epicurus instrumentalized the goods in the matter that they thought you can commit an injustice being sure you will not be punished meanwhile for Epictetus injustice is bad by itself.

* * *

[(https://www.blogger.com/blogger.g?blogID=6776834719361606300#_ftnref1)](*)
Gregory B. Sadler: Epictetus' Criticisms of Epicureanism - Philosophy Core
Concepts. In: <<https://youtu.be/DKxrllFqs4o?t=646>>.